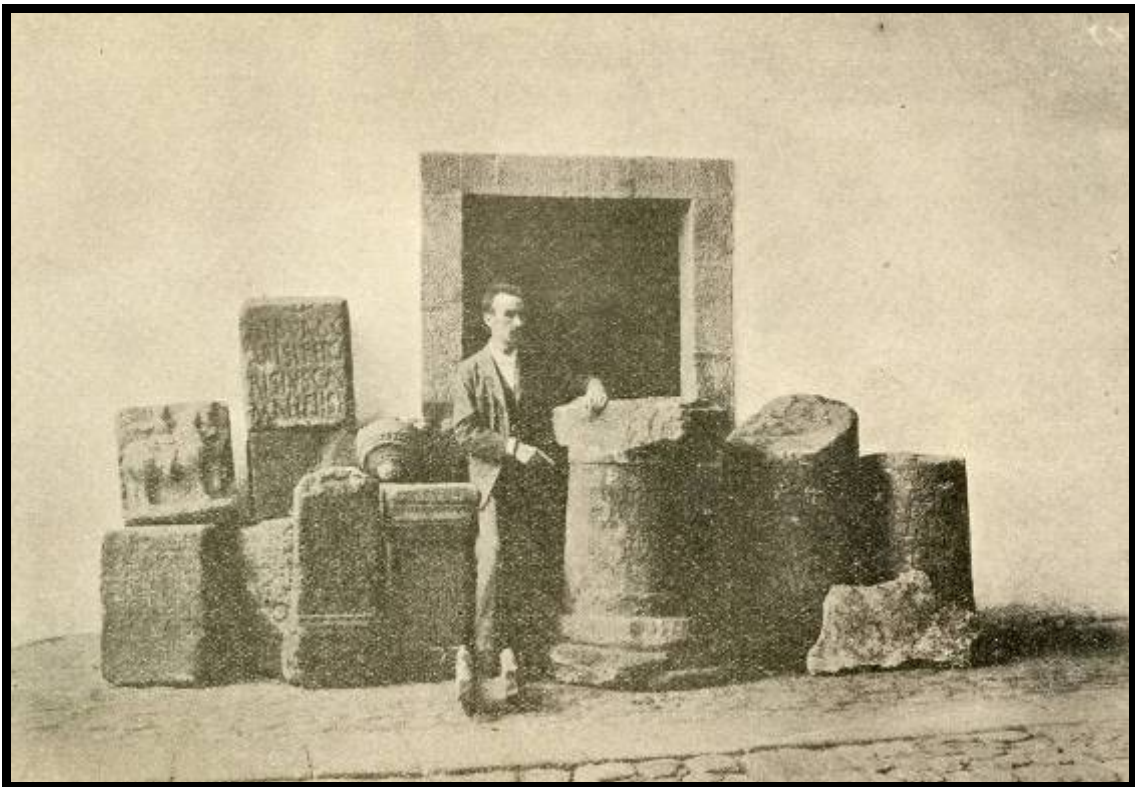


MUSEU ARQUEOLÓGICO
DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

A secção Albano Belino



| **Catálogo da Exposição** |

Sociedade Martins Sarmiento | Guimarães | 2005

NOTA

A presente exposição é um contributo da Sociedade Martins Sarmiento para retirar do esquecimento a obra de Albano Ribeiro Belino, figura incontornável da arqueologia portuguesa da viragem do século XIX para o século XX.

Foi, no seu tempo, o mais dedicado e perseverante defensor dos tesouros arqueológicos de Bracara Augusta contra as ameaças da destruição. Morreu sem que a sua voz fosse escutada.

Guimarães, 9 de Março de 2005

A Direcção da Sociedade Martins Sarmiento

Museu da Sociedade Martins Sarmiento SECÇÃO ALBANO BELINO

Na segunda metade do século XIX o interesse pelo Património e pela Arqueologia ultrapassa as esferas da Igreja e da Magistratura, estendendo-se a novos círculos sociais, à burguesia urbana e das províncias que formavam o Reino. Nas cidades e vilas de Portugal destacam-se cidadãos que, de uma forma ou de outra, se envolvem na defesa e no estudo das antiguidades, ou antigualhas como então se dizia. Em Braga, inscreve-se nesse movimento o nome de Albano Belino que estudou e escreveu sobre dois aspectos relevantes do passado da urbe e do seu território próximo. Por um lado, o tempo proto-histórico, as ruínas e vestígios dos castros, ou “cidades mortas”, qualificativo muito frequente na época. Por outro lado, o tempo da fundação de *Bracara Augusta* e da sua história como grande aglomerado urbano do Noroeste Peninsular.

Albano Belino, a par dos textos que escreveu, legou-nos uma pequena mas relevante colecção arqueológica com a qual pretendia estabelecer, na cidade de Braga, o embrião de um Museu de Arqueologia, projecto que apenas se concretizou, muito mais tarde, na década de 80 do século XX. Amargurado com a indiferença camarária face ao património edificado e ao projecto de constituir o museu deixou à Sociedade Martins Sarmiento a colecção que tinha organizado. Fez bem! Enquanto que na cidade de Braga desapareceram bens arqueológicos em circunstâncias inacreditáveis, pelo contrário a Sociedade Martins Sarmiento, apesar de todas as dificuldades, soube conservar os valores à sua guarda.

O acervo de material arqueológico reunido por Albano Belino é assaz relevante.

Do tempo proto-histórico referimos os elementos arquitectónicos da Idade do Ferro, recolhidos no povoado do Monte Redondo e que se inserem no estilo decorativo tão característico dos castros, estilo que começou a ser descoberto na Citânia de Briteiros e em Sabroso. O Castro do Monte Redondo é talvez o maior povoado proto-histórico do concelho de Braga, dispondo de uma localização magnífica. Se houvesse vontade suficiente do município poderia, com os necessários investimentos, integrar a rede de castros cuja candidatura a Património Mundial está a ser projectada.

A memória de *Bracara Augusta* está ilustrada por inúmeros elementos. Destaca-se um importante grupo de epígrafes: monumentos honoríficos; aras votivas e estelas funerárias. Aliás convém sublinhar que entre as peças do acervo recolhido por Albano Belino está uma peça emblemática de Braga: a primeira referência gravada na pedra aos *bracaraugustani*, a mais antiga memória da urbe, uma peça que nenhuma outra cidade do Noroeste Peninsular possui. De acordo com a correspondência foi em 1896 que Albano Belino descobriu o célebre monumento.

A inscrição, gravada num pedestal de estátua, é dedicada a Augusto pelos *Bracaraugustani*, por ocasião do aniversário de Paulo Fábio Máximo, legado do Imperador. Considerando os títulos associados ao nome de Augusto admite-se que a

inscrição date do ano 3 ou 2 antes de Cristo. Terá sido gravada quando o legado imperial esteve em Braga, a fim de orientar e vigiar os programas construtivos da nova urbe e da rede viária envolvente, bem como todo o sistema territorial e administrativo do *conventus*.

Para além do célebre pedestal de Semelhe, tantas vezes citado nos estudos epigráficos e de História Antiga, imagem difundida pela Europa, a colecção Albano Belino inclui outras peças de grande interesse.

Outra inscrição honorífica, de grande relevo para a história de *Bracara Augusta*, da *Callaecia* e da *Hispania*, é a epígrafe oriunda de Dume que menciona Câmalo, filho de Melgeco, sacerdote do culto imperial.

Entre as estelas funerárias há duas inscrições que referem indirectamente o antropónimo Câmalo. Uma das estelas facultamos, mesmo, uma pequena genealogia: Albura, filha de Carísio, filho de Câmalo. Na reprodução de uma outra lápide encontramos o mesmo nome: na estela de Bloena, filha de Câmalo, de *Valabrica*. Esta cidade, cuja localização exacta se desconhece, seria a capital dos *Nemetati*, povo do *conventus* de *Bracara Augusta*, de acordo com Ptolomeu. Seriam familiares dos *Camali* da Citânia de Briteiros? É uma hipótese, embora pouco provável. O nome é muito frequente na antroponímia do Noroeste, pelo que pode ser mera coincidência. Aliás os *Nemetati* têm sido localizados noutras zonas do Norte de Portugal, distantes de Briteiros.

Os cinco miliários sublinham a importância de *Bracara Augusta* como uma das grandes plataformas viárias do Noroeste. Dois deles, o de Panóias e do Prado relacionam-se com a via entre *Bracara* e *Lucus*, por *Limia* (Ponte de Lima) e *Tude* (Tuy), a via XIX do célebre Itinerário de Antonino.

As leituras das inscrições das aras, estelas e miliários foram retiradas do Catálogo do Museu, elaborado pelo Coronel Mário Cardozo, excelente ferramenta de trabalho que serviu várias gerações de investigadores. Entretanto as leituras das inscrições honoríficas e votivas já foram revistas, na monumental obra da autoria de Alain Tranoy, *La Galice Romaine*, livro publicado em 1981. As estelas funerárias foram estudadas no artigo de Alain Tranoy e Patrick Le Roux, sobre as necrópoles de *Bracara*, texto impresso no volume 6/7 da revista *Cadernos de Arqueologia*, editada pela Universidade do Minho.

Merecem, também, referência os vários fragmentos de mosaico, dados como provenientes de Braga e que aparentam ser tardios, eventualmente do Baixo Império. Testemunham a prosperidade da urbe capital da *Callaecia*.

Um último e breve apontamento sobre o acervo arqueológico legado por Albano Belino. O baixo-relevo recolhido na freguesia de Caires, no concelho de Amares é um elemento muito curioso. Sem pretender afastar em definitivo outras interpretações, entendemos que simboliza o *Cursus Publicus*, ou seja o sistema de correio que serviu o *Imperium* durante mais de quatro séculos, em toda a enorme extensão da sua rede viária. De facto, na base do Monte de Grovos passava a *VIA NOVA*, o novo caminho entre *Bracara* e *Asturica*, por *Bergidum Flavium*. Na base do Castro de Grovos jazem os restos da Cidade de Biscaia, uma das *mansiones* da *VIA NOVA*.

Caso me pedissem parecer, com a autoridade que me concede o estatuto de ter contribuído para salvar as ruínas de *Bracara Augusta* e porque entretanto se constituiu o Museu de D. Diogo de Sousa, considero que de todo o acervo reunido por Albano Belino apenas uma peça deveria regressar a Braga: o altar de Semelhe. Quanto aos restantes elementos o Museu de Braga possui uma boa colecção de epigrafia, incluindo a maior série de miliários da Península, pelo que o ilustre passado clássico

de Entre Douro e Minho está bem representado em dois pontos de referência do património de Portugal: as cidades de Braga e Guimarães.

Ao divulgar, de uma nova forma, a Secção Albano Belino, neste aniversário da Sociedade, recorda-se também o tempo em que Francisco Martins Sarmiento exerceu uma magistratura intelectual e científica que abrangia todo o país e em especial o Norte. O Museu da Sociedade Martins Sarmiento fixou assim um momento particular da História da Arqueologia, em que Guimarães foi a sede de estudos nesse domínio do saber, a cidade que ombreava com Lisboa ou Coimbra, onde estavam as Academias e a Universidade. O ilustre vimaranense não se limitou a criar o primeiro parque arqueológico português, ao adquirir o Monte de S. Romão, os terrenos que albergam um dos grandes povoados fortificados da Europa proto-histórica. Utilizou a sua fortuna pessoal para comprar outros sítios do Norte de Portugal, financiou escavações em sítios tão longínquos como Bragança, patrocinou o lançamento de revistas, como a *Portugália*, impressa no Porto. Como ele próprio escreve: “Se conheço os miliários descobertos pelo Pinheiro no Castro de Avelãs? Não conhecerei eu outra coisa. Foram desenterrados à custa da Sociedade, ou, se quer, à minha custa, pelo menos um...”. A sua acção foi de tal modo incisiva que a sede da Sociedade passou a ser um verdadeiro santuário onde entraram numerosas peças. Como testemunho de uma época, em que Martins Sarmiento se impôs como um dos fundadores da Arqueologia Portuguesa, o Museu deverá manter a sua dimensão nacional. Esta exposição recorda esse instante. Mas o texto que a acompanha é igualmente interessante porque inclui breves mas elucidativas transcrições da correspondência trocada entre o sábio de Guimarães e Albano Belino, bem como o texto que Ricardo Severo dedicou à colecção. Lembramos que Ricardo Severo fazia parte do grupo da *Portugália*, discípulos de Martins Sarmiento. Quanto à correspondência entre Martins Sarmiento e Albano Belino salientamos a preocupação de Martins Sarmiento em mandar fazer um molde em gesso da Fonte do Ídolo. Pretendia assim ter junto de si uma cópia tão fiel quanto possível do monumento de Braga. Talvez para realizar um estudo pormenorizado, que mais tarde seria levado a cabo por um arqueólogo da geração seguinte, o então jovem Leite de Vasconcelos.

Enfim, a colecção de Albano Belino, bem como a sua correspondência com Martins Sarmiento, constituem matéria para estudo mais amplo.

Francisco Sande Lemos

MEMÓRIA DE ALBANO BELINO

Albano Ribeiro Belino nasceu no dia 18 de Dezembro de 1863 em Gouveia, na rua da Cardia, freguesia de S. Julião. Era filho de Francisco Ribeiro Belino e de Emília de Jesus Belino.

Chegou a Guimarães em Julho de 1876, para se iniciar no ofício de marçano na tabacaria de José Joaquim de Lemos, o *Lixa* da Porta da Vila.

Desde cedo começou a fazer-se notar pela sua inteligência e espírito de iniciativa. Reconhecendo as qualidades do rapaz, um dos clientes habituais da Tabacaria Lemos, o cônego António Joaquim de Oliveira Cardoso, poeta e dramaturgo, iniciou-o nas artes da escrita. Cedo Belino se fez poeta, colaborando nos jornais de Guimarães (*Religião e Pátria*, *Memória*, *Comércio de Guimarães*) e tornando-se correspondente, por muito tempo, do *Jornal da Manhã*, do Porto. Em 1886, juntamente com um outro jovem empregado do comércio da Porta da Vila, Albano Pires de Sousa, fundou uma folha literária dedicada às *damas vimaranenses*, *O Bijou*.

Ainda jovem, começou a envolver-se na vida cívica na terra que o adoptou. Participou activamente nas movimentações que, em 1885 e 1886, agitaram a cidade na sequência do apedrejamento, em Braga, dos procuradores de Guimarães à Junta Geral do Distrito (Conde Margaride, Joaquim José de Meira e José Martins de Queirós), que esteve na origem da célebre *questão brácaro-vimaranense*. Em Dezembro de 1885, organizou, juntamente com Albano Pires, as comemorações do 7.º centenário da morte de D. Afonso Henriques. Em meados do ano seguinte, participou na criação da *Grande Comissão de Melhoramentos da Penha*, de que foi o primeiro presidente.

No final de Abril de 1881, casou com Delfina Rosa, sobrinha do Cônego António de Oliveira Cardoso, cuja casa frequentava. O matrimónio, com uma mulher que já dobrara os 43 anos, trouxe-lhe a fortuna e levou-o a instalar-se em Braga. Será aí que, inspirado na obra e no exemplo de Martins Sarmiento, dará início às suas prospecções arqueológicas, de que começámos a ter notícias através da correspondência que trocou com Sarmiento (o seu *conselheiro e distintíssimo mestre* em *negócios de arqueologia*) entre Agosto de 1894 e as vésperas do falecimento do arqueólogo da Citânia de Briteiros, em 1899.

Esta troca epistolar, de que se conhecem 160 cartas que estão guardadas no Arquivo da Sociedade Martins Sarmiento, é uma interessantíssima fonte de informação para o conhecimento do processo de introdução de Albano Belino nas coisas da arqueologia, da história do estudo das ruínas de Bracara Augusta e do projecto, eternamente adiado, da criação de um Museu Arqueológico em Braga.

Exercendo a sua actividade de investigação arqueológica naquela que Sarmento designou de *mina braguesa*, Belino vai dando conta do entusiasmo com os seus sucessivos achados de monumentos epigráficos. Nas cartas que envia para Guimarães ou para Briteiros dá conta, por diversas vezes, da sua *felicidade epigráfica*. Ao mesmo tempo que compila as inscrições que transcreve das pedras que encontra, começa a coleccionar os objectos arqueológicas que irão dar origem a um núcleo museológico, instalado a partir de 1899 num espaço no Paço do Arcebispo, cedido pelo respectivo prelado, que era sensível às coisas da Arqueologia e membro da Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses. O destino deste espólio deveria ser a futura integração no Museu Arqueológico de Braga que, havia mais de uma década, estava prometido.

Progressivamente, Belino estende a sua área de investigação para espaços exteriores à Bracara Augusta. Em Maio de 1899 anuncia a Sarmento que estava *em vésperas de explorar o Monte Redondo e mais dois pequenos castros nas suas proximidades*. Pouco depois, dava conta de que o monte de Santa Marta ficaria para mais tarde *porque ali o desaterro deve ser muito dispendioso*. Em 1902 seria também responsável por trabalhos de escavação na *Cidade Velha de Santa Luzia*, em Viana do Castelo.

A obra publicada por Albano Belino abrange estudos sobre epigrafia romana, arqueologia cristã e numismática.

A morte levou-o cedo. No final de Novembro de 1905 foi acometido por um *ataque apopléctico*, de que resultaram graves sequelas, incluindo a paralisia parcial do lado direito. Não recuperaria deste acidente, vindo a falecer no dia 2 de Dezembro do ano seguinte, sem ter completado os 43 anos de idade.

Partiu sem ver concretizado o sonho que alimentara muitos anos: a abertura de um Museu Arqueológico em Braga, onde projectara depositar os objectos que coleccionou ao longo de mais de uma década. E partiu com uma forte amargura em relação à cidade onde se fez arqueólogo, devido à atitude de desprezo em relação à memória material do passado, então dominante em Braga.

No dia 15 de Novembro de 1905 tinha-se dado início, naquela cidade, à demolição da muralha do castelo, no decurso de uma *imponente manifestação* em que tomaram parte *todas as associações de classe, acompanhadas por bandas de música e muito povo*, que participava num cortejo encabeçado por algumas das figuras mais proeminentes da cidade, a quem os manifestante *aclamavam delirantemente, chegando ao delírio quando principiou a demolição da muralha*, segundo a descrição do Diário de Notícias, citada por José Leite de Vasconcelos.

Com outros bracarenses ilustres, Albano Belino tinha levantado a voz contra o arrasamento da velha muralha, sem sucesso. José Leite de Vasconcelos testemunharia que este acontecimento *determinou nele violenta convulsão moral*, na sequência da qual viria a ser acometido pela apoplexia que o levaria à morte.

Logo após o falecimento de Albano Belino, a sua viúva deu conta ao Presidente da Sociedade Martins Sarmento de que era vontade do seu marido, e sua, que o museu arqueológico que possuía em Braga, e que continuava alojado provisoriamente em condições precárias no Paço arquiépiscopal, passasse a fazer parte do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, doando a esta Instituição de Guimarães os objectos que compunham o respectivo espólio. O Padre Gaspar Roriz ficou encarregado de providenciar à *remoção imediata* da colecção de Albano Belino para o Museu da Sociedade, onde passaria a integrar uma secção própria, com o nome do doador.

Na manhã do dia 6 de Fevereiro de 1907, vinda de Braga e transportada em oito carros de bois, a doação de Albano Belino dava entrada no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento.

A **Secção Albano Belino** foi inaugurada durante a festa do 9 de Março de 1907.

Albano Belino foi vogal da Comissão dos Monumentos Nacionais, por convite de Ramalho Ortigão. Pertenceu a diversas instituições científicas, nacionais e estrangeiras, entre as quais a Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, a Sociedade de Geografia de Lisboa, o Instituto de Coimbra, a Comissão Central do 1.º de Dezembro de 1640, a Sociedade de Arqueologia da Figueira da Foz. Foi sócio correspondente da Real Academia de História, de Madrid, sócio honorário da Sociedade Arqueológica de Pontevedra, sócio emérito da Sociedade Arqueológica de Toledo e sócio correspondente da Sociedade Martins Sarmento.

Autodidacta, Albano Belino não possuía qualquer diploma escolar, nem mesmo o de instrução primária.

António Amaro das Neves

Bibliografia de Albano Belino

01. *Archeologia christã*. Lisboa : Empreza da Historia de Portugal, 1900
02. *Architectura Christã*. "Arte Livre, I, Braga, 1897, p.22.
03. *Bracara Augusta*. "O Archeologo Português", Lisboa, 10 (3/5) Mar.-Maio 1905, p. 118-119
04. *Cartas sobre Epigraphia Romana*, Braga, 1898
05. *Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento*. "Revista de Guimarães", 16 (2) Abr.-Jun. 1899, p. 79-90. (1899)
06. *Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento*. "Revista de Guimarães", 17 (3) Jul.-Set. 1900, p. 137-147; 17 (4) Out.-Dez. 1900, p. 187-203 (1900)
07. *Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento*. "Revista de Guimarães", 18 (3-4) Jul.-Dez. 1901, p. 136-155. (1901)
08. *Cidades mortas*. Publicação póstuma. "O Arqueólogo Português", Lisboa, 14, 1909, p. 1-28
09. *Epigraphia Romana de Braga*. "O Archeologo Português", Lisboa, 9, 1903, p. 101-102
10. *Habitação Urbana*. "Portugália", I, 1899-1903, p. 613-618
11. *Inscrições inéditas*. "Revista de Guimarães", 12 (3) Jul.-Set. 1895, p.97-102. (1895)
12. *Inscrições romanas de Braga (inéditas)*. Braga, 1895
13. *Inscrições romanas inéditas*. "Revista de Guimarães", Guimarães, 12 (3) Jul. 1895, p.97-102
14. *Inscrições e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes* [pref. de Pereira Caldas]. Porto : Typ. Occidental, 1895
15. *Museu de Braga (projecto)*. "O Archeologo Português", Lisboa, 10, p. 15-16.
16. *Novas inscrições romanas de Braga (inéditas)*. Braga, 1896
17. *Novo deus bracarense*. "O Archeologo Português", Lisboa, 8 (2/3) Fev.-Mar. 1903, p. 46-47
18. Questionário Archeológico, Braga, 1900.
19. *Vixit*. "Revista de Guimarães", Volume especial, 1900, p. 44-45. (1900,1)

Tem colaboração dispersa por vários jornais de Guimarães, Braga e Porto.

Bibliografia sobre Albano Belino

01. *Albano Belino*. "Independente", Guimarães, 9 de Dezembro de 1906, p. 1-2.
02. CARDOZO, Mário – *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*. 3.^a Edição, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1985
03. *Falecimento de Albano Belino. O seu funeral*. "Imparcial", Guimarães, 6 de Dezembro de 1906, p. 1-2
04. FORTES, José – *Os mortos. Albano Belino*. "Portugália", II, Porto, 1905-1908, p. 482.
05. GUIMARÃES, João Gomes de – *O Museu Arqueológico*. "Revista de Guimarães" 24 (2) Abr.-Jun. 1907, p. 79-86.
06. HÜBNER, Emílio – *Notas Críticas*. "Revista Crítica de Historia y literatura españolas, portuguesas y Hispano Americanas, Madrid, Março de 1896, p. 101-105.
07. OLIVEIRA, Eduardo Pires de e FERNANDES, Isabel Maria – *Documentos para a história do Museu D. Diogo de Sousa*, "Cadernos de Arqueologia", 2.^a série, vol. I, 1984, p. 129-132.
08. [RORIZ, P.^e Gaspar] – *Albano Belino*. "A Memória", n.º 25, Guimarães, 3 de Março de 1901, p. 2-3.
09. SEVERO, Ricardo – *A Collecção Archeologica de Albano Bellino, em Braga*. "Portugália", I, Porto, 1899-1903, p.651-652.
10. VASCONCELOS, José Leite de – *Necrologia Albano Belino*. "O Archeologo Português", Lisboa, 11, 1906, p. 46-47

A colecção arqueológica de Albano Belino, em Braga

Temos mais um caso de iniciativa individual a acusar, que interessa ao movimento científico nacional, e que importa auxiliar na sua bem fadada nascença, para que não lhe suceda completo desperdício, esgotados que forem os primeiros esforços de generoso impulso no *mare magnum* inerte, mas adverso, da indiferença e barbárie geral.

O snr. Albano Belino é um estudioso arqueólogo, que de há muito se dedica com piedoso afinco a coleccionar documentos para a remota história da velha cidade de Braga e sua diocese, de venerandos e sacros pergaminhos.

É o caso que, passadas as últimas balizas da história, imensa se estende a vastidão de obscuro mistério que vem por nebulosas épocas pré-históricas até à dominação romana; assim, cada vez mais se alarga em dimensões a área de estudo por esse país interamnense de ricas tradições e inéditos tesouros arqueológicos. Braga é um dos centros, a *Bracara Augusta*, que fora convento jurídico de mor nomeada entre os da província romana Tarraconense. Em boa estação pousou o dedicado investigador, pois o campo é vasto e produtivo; há que lavrar fundos sulcos por terreno bravo e sofrer muita pena, que os vizinhos são apoucados e maldosos e não se ajeitam a prestar qualquer ajuda.

[...] Visitámos o museu Albano Belino, que se alberga em acanhada loja a um canto do paço episcopal, no andar térreo; é um sombrio e húmido corredor de poucos palmos de largo, apenas alumiado por uma fresta que dá para o claustro. Mal se percebem os objectos que a dedicação do coleccionador aí desveladamente amontoou; presta-se entretanto este pobre aspecto a tornar mais expressivo o contraste entre o entusiasmo e piedosa veneração do investigador e o desprezível e mesquinho amparo do fúnebre cubículo.

E, não obstante, este pouco representa actualmente um núcleo de especial merecimento.

Vimos ali objectos vários, provenientes das explorações que o snr. A. Belino executou nos montes de Santa Marta e S. Mamede de Guizande, outros dos arrabaldes e da própria cidade: machados polidos, restos de cerâmica, *molas manuaris*, fragmentos de mosaico, encanamentos de barro, tijolos com marcas figulinas, *pondera*, pedaços de opus *signinum*, etc., e vários documentos epigráficos entre os quais alguns notáveis e inéditos. É esta a especialidade que mais aprecia o estudioso arqueólogo, e nela apresenta urna considerável série de início: 6 lápides funerárias dedicadas a Junia Urbana, Aticia Primitiva, Paterna, Vibia Placidina, Albura e Sullia Materna; 2 lápides votivas consagradas a Hércules e a Proserpina (?), esta inédita, encontrada nas explorações do Monte Redondo; 3 marcos miliários dedicados a Tibério, Constante e Constâncio II, e a Valentiniano; 2 inscrições honorárias, uma consagrada a Camalo Bracaraugustano, a outra em pedestal monolítico de secção circular, sobre que teria pousado estátua consagrada pelos Bracaraugustanos ao imperador Augusto no dia natalício de Paulo Fábio Máximo, legado propretor.

É este último o mais antigo documento em que se lê o epíteto de *augusta* aplicado à cidade de Braga; representa pois para os munícipes bracarenses pergaminho de um alto valor arqueológico e histórico; por si bastaria uma tal prova para despertar na suprema colectividade municipal interesse e veneração para estes empreendimentos de reconstituição histórica, que tão intimamente lhe dizem

respeito.

Muito há ainda para coleccionar no Museu Arqueológico Bracaraugustano: tudo quanto o dedicado iniciador tem descoberto e registado em contínuas investigações, achados, donativos, promessas, e tudo o mais que se encontra ainda intramuros da cidade, desamparado e sem quartel. Por exemplo, os marcos miliários e lápides que foram reunidos no adro de S. Sebastião, especados em posições de regular simetria, mas que o desmazelo dos actuais munícipes abandona à inclemência do tempo e da população, cobertos de musgos e de imundas escorrências, para gáudio do rapazio que os enfeita de obscenidades e os vai danificando em seus brinquedos.

Dever-se-á recolher tudo isto, o mais que existe pelo vasto município, e o muito mais que aparecerá, devido à iniciativa e ensinamento que imediatamente ressalta do museu local, convenientemente instalado sob a manifesta protecção e oficial apoio das autoridades. Algum auxílio conseguiu o snr. Albano Belino do Exmo. Arcebispo, digno sócio da R. Associação dos Architectos e Arqueólogos; em 15 de Setembro de 1899 cedeu o ilustre Prelado a pequena loja onde se abrigam os valiosos inícios do importante museu arqueológico, e com particular devoção recomendou o questionário que o snr. A. Belino distribuiu pelos párocos da diocese. É um acto de atenciosa protecção à ciência nacional, pouco vulgar neste pequeno país de iletrada gente; merece especial menção, e confirma as esperanças de que mais largamente dispensará em seus paços hospitaleiros a humilde pousada que desde muito reclamam esses restos arqueológicos; são estes os únicos documentos que nos contarão os gloriosos fastos antepassados no afamado *conventus* da Província Tarraconense, chancelaria ao tempo dos romanos e grandioso arcebispado que foi primaz entre os da Espanha.

O município não deve ser estranho ao movimento iniciado por um homem de exótica excepção, que pretende dedicar-se efectivamente à organização de um museu regional de arqueologia e arte, o qual deve tomar em particular consideração, animando esta empresa de elevado patriotismo; e porque, estimáveis senhores de Braga, às autoridades cumpre o superior encargo de velar por que não se percam de vez as gloriosas tradições nacionais, que são a nossa única esperança de vitalidade e renascimento, visto como do passado urge cuidar com piedade filial, humanamente, pois que daí nasceu em todos os seus aspectos a época presente em que somos.

Ricardo Severo, *A Collecção Archeologica de Albano Bellino, em Braga*.
"Portugália", I, Porto, 1899-1903, p.651-652.

Acta da Sessão extraordinária de 31 de Dezembro de 1906 da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento

[...]

O sr. Presidente participou que a excelentíssima senhora D. Delfina Rosa de Oliveira Cardoso, desta cidade, declarou a ele presidente e aos srs. P.^o Gaspar da Costa Roriz e Abade João Gomes de Oliveira Guimarães que era vontade do seu falecido marido o sr. Albano Belino e era igualmente vontade sua que o museu arqueológico que o referido seu marido e nosso dedicado consócio possuía em Braga e se achava provisoriamente instalado numa das dependências do Paço Arquiepiscopal daquela cidade, viesse fazer parte do museu arqueológico desta Sociedade, e, nessa conformidade, por esta forma oferecia à Sociedade Martins Sarmiento os objectos existentes no referido museu, encarregando o sr. P.^o Gaspar da Costa Roriz de providenciar sobre a remoção imediata desses objectos para esta Sociedade.

O mesmo senhor presidente disse que este acto de generosidade, que tanto nobilita aquela ilustre senhora, que não esquece o seu affecto à terra que lhe serviu de berço, procurando assim o engrandecimento das suas instituições mais valiosas, era, como não podia deixar de ser, acolhido a esta sociedade, com justificado júbilo, e propunha por isso que na acta desta reunião fique exarado um voto de muito reconhecimento a sua excelência pela lúcida resolução que tomou, que esta Sociedade jamais esquecerá e tem em grande apreço e não deixará de oportunamente aproveitar o ensejo de patentear à mesma senhora a sua muita gratidão.

[...]

Martins Sarmiento e Albano Belino
Extractos da Correspondência
(3 de Agosto de 1894 a 22 de Junho de 1899)

Chegando do Gerês, de onde saí com uma boa constipação, encontrei aqui a carta de V. Exa, que muito agradeço.

Fui obrigado, por coisas, a comprar a colecção numismática do José de Freitas Costa, mas, falando com franqueza, tenho chorado o meu dinheiro. Destinava-o a outra qualidade de velharias mais a meu gosto e tão cedo não me resolverei a comprar daquelas mercadorias.

Outro tanto sucederia com a lápide consagrada a Asclépio e Hygia, se o dono a vendesse por um preço razoável. V. Exa. muito me obsequiaria, se se desse ao trabalho de apurar este ponto. Não falaria em tal, se em Braga houvesse um Museu; mas o que me consta é que muitas inscrições por aí aparecem para desaparecer em seguida.

Que essa terra é um alfobre de antiguidades, isso também eu sei, mas tal é o desprezo por elas, que nas Carvalheiras foram encontrados vários marcos miliários, trazidos de longe, sem ficar nota do sítio de onde vieram!

Agradecendo novamente os seus obséquios

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 3 de Agosto de 1894)

Ainda que o Asclépio e a sua companheira não quisessem abandonar Braga, ficava grato a V. Exa. como se eles mudassem para Guimarães. Se o Sanctus Evictus os acompanhasse, justificaria ainda hoje o apropriado do seu nome e, se exigisse mesmo que lhe queimasse algum incenso na nossa terra, havia de ser servido, além das suas esperanças. Em todo o caso, duas vezes obrigado e tenho o palpite de que os velhos deuses não se repugnarão muito a mudar de ares.

(F. Martins Sarmiento – Ancora, 21 de Agosto de 1894)

Passados os Santos Reis, lá terá o meu Fídias, visto continuar na ideia de o aturar. Então direi o que se deseja para V. Exa. o dirigir no trabalho.

Veja se também por aqui lhe posso ser prestável para alguma coisa.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 1 de Janeiro de 1895)

Cá espero o homem.

[...] Agradeço os oferecimentos de V. Exa. e pode contar com as minhas impertinências, mas unicamente em negócios de arqueologia. Quero-o para meu conselheiro e distintíssimo mestre.

(Albano Belino - Braga, 4 de Janeiro de 1895)

Um grande achado!

Nada menos de 5 inscrições inéditas, pois foram encontradas junto à antiga muralha da cidade, há menos de 15 anos, segundo os informes dum lavrador. Que pena que a “Revista” saia só lá para Abril! Receio que alguém as encontre e publique primeiro do que nós; mas pode ser que tal não aconteça.

(Albano Belino - Braga, 5 de Janeiro de 1895)

Realmente o achado é precioso, se as inscrições estão inéditas. [...]

O meu estucador aparece aí na segunda-feira e diz, à vista da gravura do Argote que lhe mostrei, que na mesma segunda-feira estará de volta com a obra feita e acabada. Oxalá.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 6 de Janeiro de 1895)

A chuva, o vento e a neve têm-me impedido a verificação da lápide que só V. Exa. tem conseguido decifrar! [...]

O artista pode vir quando V. Exa. quiser para copiar as duas – o ídolo e a inscrição truncada. [...]

Ainda não vi o *mono* que está à distância de meia légua. Como é propriedade particular, não será difícil conseguir-se. A pessoa que me deu a notícia dele, chamou-lhe *mono*. Veremos se ele me prega o *mono* da caminhada, o que não espero.

(Albano Belino - Braga, s/data)

Estou ansioso por ver o tempo em condições favoráveis para V. Exa. mandar aqui o artista.

(Albano Belino - Braga, s/data)

A inscrição é muito curiosa, para a deixarmos correr à rédea solta. É preciso domá-la, ou, ao menos modelá-la. Estará o dono por isso? Se for preciso que eu lhe escreva, escrevo-lhe, porque o conheço.

O rapaz terá trabalho para mais de um dia; mas não importa. Com este tempo é que ele não pode ir.

Estimo bem que se entenda com o Capela. É uma excelente pessoa.

Os tipógrafos! esses fazem perder a paciência a um santo.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 10 de Janeiro de 1895)

Dei ordem ao rapaz para marchar para aí na sexta-feira.

[...] do monumento do Ídolo já ele sabe o que há-de fazer. Se puderem ser modeladas as 2 lápides – *Te mecum* e a da hipotética *BLOENA* – muito bom era.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 23 de Janeiro de 1895)

Venha o artista, que eu cá o espero. Permita Deus que o tempo o auxilie.

[...] Pelo referido artista enviarei a V. Exa. um tijolo dos que apareceram em Dume (antiga habitação dos Suevos), e alguma coisa mais.

(Albano Belino - Braga, s/data)

Chegou tudo bem.

[...] Está a montar-se o monumento do Ídolo e só depois de montado o poderei estudar devagar e responder às suas perguntas, que têm um *quid* de misterioso muito próprio a despertar-me a curiosidade.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 29 de Janeiro de 1895)

Não me leve a mal que me apresse a pagar a minha dívida. Dívidas de dinheiro comem-me como pulgas e não descanso enquanto me não vejo livre delas. É o meu feitio e por isso ature-me como sou.

[...] O Ídolo está quase todo montado. Já fui ver a obra, a correr, por estar um frio siberiano, de que sempre tive medo.

[...] A “Revista” não sai decerto antes de Abril, mas para evitar que lhas empalmem (as inscrições inéditas), publique-as no primeiro jornal que lhe parecer. Creio porém que não pode recear muito dos epigrafistas bracarenses, salvo, se em vez de tirarem cópias à mão, encarregarem os fotógrafos desse trabalho.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 1 de Fevereiro de 1895)

Tinha tenção de ir ao Museu examinar atentamente as inscrições do Ídolo; mas minha mulher, descobrindo um bando de pneumonias a voar por essas ruas, não me deu licença de sair de casa.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 2 de Fevereiro de 1895)

Visto não termos “Revista” antes de Abril, esperemos até lá. Para outro jornal não, que não sobressaem as inscrições.

(Albano Belino - Braga, 4 de Fevereiro de 1895)

Um conselho de velho: - não faça o exame à pedra, sem ir na companhia de dois homens, que não digam hoje uma coisa, amanhã outra. Seria importantíssimo provar a falsificação, se a há, mas todas as cautelas são poucas nestas execuções violentas. *A bon entendeur...*

Pelo que vejo do esboço que me manda do Ídolo, e que muito agradeço, o meu rapaz não asnearia muito, mas asneou alguma coisa. Quando cá vier por acaso verá.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, s/data)

Escusado será dizer-lhe que me penhora em extremo com as atenções que me dispensa, aturando-me com tanta paciência e boa vontade.

Eu tenho grandíssimo desejo, e até absoluta necessidade, de colher a opinião de V. Exa. sobre trabalhos arqueológicos para caminhar seguro nas minhas investigações, já que é esta a minha paixão dominante. Desejo muito não o cansar com as minhas impertinências, e por isso mais uma vez rogo a V. Exa. que me ature com resignação.

Tudo o que deseje de mim será feito com muita satisfação.

[...] O Cunha Reis já me disse que podia fazer conduzir para minha casa o coelho. Tem-lhe custado a descoser-se com as pedras que tem no barraco, mas eu vou teimando até conseguir vê-las. Não me convém afiançar-lhe que as tem, para não desconfiar do criado.”

(Albano Belino - Braga, s/data)

Pode acreditar que tenho toda a satisfação em soprar ao fogo sagrado que sente pelas velharias. [...]

Já escrevi ao Cunha Reis. Veremos se ele fala das pedras misteriosas.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 8 de Fevereiro de 1895)

Corre perigo a virgindade das inscrições que julgámos inéditas. [...]

É que, desde o dia em que lhe [Pereira Caldas] revelei o caso parece que alguém me diz que ele se preparava para me substituir na “Revista”. [...]

V. Exa. compreende que no caso de ele me participar o que tenciona fazer, não me convém contrariá-lo, e por isso vamos a salvar ao menos as que julgámos inéditas. Para isso é necessário que V. Exa. me diga daí:

Meu amigo – Mandei as suas 7 inscrições a um arqueólogo muito notável que as apreciou, e lembra a conveniência de você as publicar já num folheto. Mão à obra e envie-me 2 ou 3 exemplares.

A da abóbada da Spode ser publicada mesmo sem decifração, etc.

Eu tinha muito desejo de ver o seu nome na “Revista” da Sociedade com um exame minucioso de todas as inscrições de Braga, mas publique agora estas e depois copiará todas as outras para aqui. Já dei disto conhecimento ao P.^o João Gomes de Oliveira Guimarães, e por isso não falte com alguma coisa para o n.^o de Abril, etc.

É possível que o homem, à vista desta carta, desista do que se me afigura, e nesse caso eu mostrava-me antes favorável a que todas principiasses a ser publicadas na *Revista*. Se ele resistir, então será bom aproveitarmos as inéditas já que isso nos deu trabalho.

V. Exa. concorda?

Para disfarçar convinha que o princípio da carta se referisse ao exame do Ídolo ou outra coisa qualquer.

(Albano Belino - Braga, 9 de Fevereiro de 1895)

Não esteja com tanta cerimónia com o Pereira Caldas; diga-lhe a verdade, que é o melhor modo de o desarmar; diga-lhe que já me deu as inscrições para a “Revista”, mas que eu disse logo que haviam de ser publicadas com o nome do seu descobridor. Fique certo que o Caldas não se virá atravessar diante de nós; e, se viesse, não ficaria em bons lençóis. Eu, no seu lugar, não punha mesmo dúvida nenhuma em lhe mostrar a cópia das inscrições inéditas, dizendo-lhe o que há, e prevenindo-o logo de que cometia esta inconfidência por ele ser sócio honorário da corporação que publica a “Revista”, pela sua respeitabilidade, etc. [...]

Mando-lhe a resposta do Hübner e por ela verá como lá por fora apreciam o que neste país de bananas apenas faz rir.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 12 de Fevereiro de 1895)

O alvitre de as publicar em folheto é magnífico, embora fiquem em segredo até sair a “Revista”. Mas isso mesmo convém não demorar.

Se depois de as minhas saírem na Revista, o P. C. quiser escrever sobre o mesmo assunto, será bom não lhe impedir isso.

(Albano Belino - Braga, 14 de Fevereiro de 1895)

Veremos o que faz ou quer fazer o P. Caldas. As inscrições inéditas é que ele não publica na “Revista”, e não creio que vá procurar outro periódico.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 14 de Fevereiro de 1895)

Agora um favor. Anda em praça aí em Braga um foro que pago à Câmara de Guimarães por parte do monte de S. Romão, onde estão as ruínas da Citânia e precisava dum procurador em Braga que me olhasse por esse negócio. Você sabe indicar-me algum bastante diligente para não me deixar ficar logrado?

Eu tenho direito de opção, ainda que haja lançadores. Posso pois esperar por quantas praças me parecer e entrar em cena só quando algum arrematante faça o mesmo. A habilidade do procurador consiste em fazer este jogo sem se descuidar.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, s/data)

Agradeço tudo com o maior reconhecimento, se bem que a incumbência do foro me pareça exceder o limite da maçada. Passarei a procuração com poderes de estabelecê-la, esperando que o faça quando se lhe esgotar a paciência. De resto, deixo a direcção da campanha à sua táctica e acabo com novos agradecimentos.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 1 de Março de 1895)

Não tenha pressa com os seus oferecimentos ao Museu. Quando vierem são bem-vindos.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, s/data)

O *mono* em que há tempo falei a V. Exa. é um grande carneiro com as competentes pontas retorcidas e tem no lombo uma cavidade quadrada de 5 centímetros de fundo. Apareceu num nicho soterrado junto à ponte do rio Este. Está em poder de um indivíduo de fortuna.

O bichano pertenceria a um templo de Ceres, a que o bispo D. Rodrigo da Cunha se refere?

(Albano Belino - Braga, s/data)

O carneiro é ratão, melhor seria um porco; mas porco ou carneiro já se vê que o dono faz gosto no bicho e é perder-lhe as esperanças. Pena é que o lugar do achado não fosse cuidadosamente examinado, bem como o nicho, etc.

Quer-me parecer que o animalejo já pertence à era cristã.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 16 de Março de 1895)

[Sarmiento sugere correcções ao texto de Albano Belino para a Revista]

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 14 de Abril de 1895)

Muito me obsequia por me vigiar os foros, e, como está por isso, brevemente mandarei uma procuração para os comprar, quando chegar o momento oportuno.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 24 de Abril de 1895)

Vai também a procuração para os foros, já que quer sujeitar-se a esta maçada. Deixo ao seu alvedrio toda a campanha.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 1 de Maio de 1895)

O foro de 3.500 réis é imposto na parte da Citânia; mas, apesar da minha veneração por aquela santa terra, se puder remir o foro barato, acho bom. Não aparecendo concorrente, V. Exa. faz o favor de deixar correr o marfim; no caso contrário, bate-se com o adversário a todo o transe. Fica assim o heroísmo no seu lugar e escusámos de desperdiçar em benefício do fisco, que não merece senão desprezo, visto como engorda os maraus.

A paciência com que atura estas minhas impertinências é que são obséquios.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, s/data)

Ao meio-dia de hoje saiu daqui um lavrador com carro de bois, a quem entreguei um caixão contendo vários objectos para o museu, o coelho e um pedaço de glarea.

Queira V. Exa. mandar alguém receber isto à porta do edifício da Sociedade, para onde o lavrador se dirige.

Vai pago o carroto.

Convém que o caixão seja tirado do carro com muito cuidado. [...]

P.S. – No fundo do caixão vai um pedaço da muralha romana que muito conviria conservar assim com as pedras presas.

(Albano Belino - Braga, 28 de Maio de 1895)

Chegaram a salvamento as antigualhas; mas não tive tempo ainda de avisar a Direcção – o que farei amanhã para que ela agradeça devidamente a sua valiosa oferta.

Incumbirei o abade de Tagilde da sua colocação na galeria; porque estou com o pé no estribo para Briteiros e muito atrapalhado com umas poucas de bagatelas que costumam juntar-se sempre à última hora.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 29 de Maio de 1895)

Com a publicação das inscrições inéditas tive ocasião de saber quanto é lida a *Revista de Guimarães*.

(Albano Belino - Braga, 5 de Junho de 1895)

E fique certo que será do estrangeiro que lhe virão os melhores estímulos: da nossa gente o mais provável é que leve alguma pedrada.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 6 de Junho de 1895)

Recebi ontem a sua carta e hoje pude ver o artigo do secretário da Câmara.

Acho esquisita a intrighada com os “redactores da Revista”, por ser uma patranha, que se revira contra o inventor. Confirmo que fui eu que lhe pedi a publicação das inscrições inéditas na Revista de Guimarães, podendo fazer da minha declaração o uso que lhe parecer.

Mas não perca o sangue frio. Pondo a questão nos seus verdadeiros termos, a sua posição é excelente. Eram ou não as inscrições inéditas? Se o eram, e isso é incontestável é possível que todo o mundo... bracarense as tivesse descoberto, mas elas estavam tão cobertas, que só

agora é que são conhecidas *extra-muros*. Para mim o que é de fé é que alguns senhores bragueses tinham *descoberto* as lápides; mas uma coisa são as lápides, outra as inscrições que elas contêm, e quanto a estas creio que lhe não meteram dente, e por isso as deixaram ficar no limbo. Isto vai ferir o decano, e parece que o Machado contou com esta porta, para lhe pôr uma sentinela; mas o decano que se salve como puder. Enfim as lápides eram conhecidas, mas não o eram as inscrições e não parece que haja crime em as tornar conhecidas.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 14 de Junho de 1895)

Escuso dizer que estimo muito que se saia bem da sua refrega, e isso não pode deixar de suceder, se tomar uma boa posição. Decerto reparou que uma das estratégias do adversário é torná-lo solidário com o P. Caldas, quando o papel de cada um é diferente. O decano que responda por si.

(F. Martins Sarmento – Briteiros, Junho de 1895)

Li o seu artigo no “Progressista” e pareceu-me que repeliu vitoriosamente a agressão. Portanto os meus parabéns.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, Julho de 1895)

A Bracara Augusta é uma mina inesgotável de antiguidades e palpito que ainda há por aí muita coisa no caso do último miliário, copiado na sua carta.

(F. Martins Sarmento – Briteiros, 27 de Setembro de 1895)

O mesmo Machado, que muito se regozija de há anos ofender corporalmente o pobre velho!, redobrou agora de fúria, por não poder, como eu, aproveitar-se dos belos livros do C., único que em Braga possui os melhores trabalhos sobre arqueologia. A Biblioteca daqui é uma farrapada.

A “Pátria” de hoje responde à transcrição que o M. fez dum as referências do último n.º do *Arqueólogo Português* dos estudos do C.

O Vasconcelos não procedeu correctamente, se é certo que o P.C. possui escrita a aprovação do mesmo Snr. V. ao estudo condenado, até mesmo porque era justo poupar a dissabores um homem daquela idade.

Enfim, eles que se arranjem, mas o M. não pode ocultar que se incomodou grandemente com a brilhante recepção feita ao meu livro.

(Albano Belino - Braga, 6 de Outubro de 1895)

Recebi o n.º da “Pátria”. Vê-se que o Machado anda com pouca sorte, mas o resultado que tiram os espadachins dos seus ataques a torto e a direito não pode ser outro. Também não gostei da vaia jogada ao Caldas pelo J. Leite, mas aí está outro espadachim, que também a cada passo encontra o pago das suas pimponices. Há gente que leva a vida a bater e a ser batida e passa assim excelentemente. Que lhe preste.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 9 de Outubro de 1895)

Muito obrigado pela notícia dos foros. Mas deixe-os descer algum pouco mais.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 7 de Fevereiro de 1896)

A “Nova Alvorada” vai o Leite de Vasconcelos encontrá-la em Lisboa; como o artigo o beliscava um tudo-nada, mandei-lho. Desejava bem que algum dos celtistas entrasse na questão.

A respeito do foro, deixemo-lo ir à 3.^a forma. Se aí houver luta, lutaremos até os 70.000 da primitiva. Creio que não haverá grandes adversários. O que eu não queria era dar-lhe tanta maçada; mas já agora não há porque voltar atrás.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 5 de Março de 1896)

Hoje recebi os periódicos que me remeteu. Já tinha visto o Combate, por acaso. Parece-me que o articulista é extremamente injusto com o Sr. Vasconcelos e devo supor que a ferroada que ele deu no Pereira Caldas é a principal causa destas amabilidades. É o resultado das provocações, a que J. Leite é muito atreito e provavelmente ainda há-de ter mais sensaborias destas se não se emenda.

Certo é que os arqueólogos estão saindo o *irritabile genus*, talvez com gáudio do público.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 13 de Março de 1896)

Cá está outra inscrição *inédita* para o lugar da que destruíram! É metade de um miliário que encontrei debaixo de um lagar. [...]

Este pedaço de coluna estava cheio de lama, e afiançam-me os caseiros que ninguém o tinha visto.

Ainda assim, como o Dr. Leite de Vasconcelos me disse de Lisboa que se demorara aqui mais um dia e que não perdera o tempo, não acha V. Exa. alguma conveniência em lhe perguntar (sem lhe dizer porquê) se aqui encontrou alguma inscrição inédita? É que posso publicá-la e o homem saltar de lá a gritar que já a tinha. V. Exa. bem sabe que ele é capaz de tudo. Se o *Arqueólogo* não demorasse, então já eu via o que ele fez por aqui. Por outro lado estou a recear que o lavrador se leve por alguns vinténs e a mostre, apesar de eu ordenar que fosse metida debaixo de um carro de mato!! Que me diz V. Exa? Estudo-a e publico-a já num jornal daqui, ou será melhor depois dele publicar o *Arqueólogo* que deve trazer velharias de Braga? É isto que eu desejo de V. Exa. enquanto o negócio está em segredo.

(Albano Belino - Braga, 17 de Março de 1896)

Não vejo nada de censurável em publicar a inscrição, visto que descobriu o troço do miliário por esforços seus, ou por informações de qualquer sujeito que não reservou para ele a prioridade do achado. Só neste último caso o poderiam criminalizar com razão.

A pergunta ao José Leite de nada lhe aproveitará; porque, se ele já está senhor do segredo, é porque alguém de Braga lho comunicou, e neste caso é este misterioso informador que deveria queixar-se e não um adventício. Mas haverá aí algum informador que metesse no bolso do J. Leite os louros que podia colher, publicando a epígrafe por sua conta? Não vou muito por aí.

Para concluir – se a sua consciência lhe diz que pode publicar a inscrição sem escrúpulo, não esteja com cerimónias e atire-a à circulação.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 17 de Março de 1896)

Já tenho o Vasconcelos preso. Respondeu-me em postal o seguinte:

Não encontrei aí nenhuma inscrição inédita, e *desejava ter conhecimento das V. achou*. Respondi-lhe que primeiramente seriam publicadas por mim, e depois lhe enviaria esse jornal.

Não sei se V. Exa. leu no “Combate” uma carta minha. Pois o Snr. Vasconcelos tem o arrojo de me dizer que leu *e que lhe parece um cumprimento ao autor do artigo*. Não lhe agradou o modo como eu me referi simplesmente à classificação de mestre. Ele queria que eu

protestasse contra o que o articulista dizia a seu respeito, pois teve coragem de me dizer em carta: – “Ao mesmo tempo lembro-lhe que seria bom rectificar o que lá se diz de V.”.

Eu é que nunca faria um *pedido* desta natureza.

(Albano Belino - Braga, 25 de Março de 1896)

Não li a sua correspondência no *Combate* e por isso nada posso dizer sobre os autos.

O J. Leite ficou magoado deveras com o artigo e naturalmente queria que o defendessem. Eu já lhe disse que as suas críticas azedas ao P. Caldas são decerto a causa desta sensaboria, que é a repetição de outras que já tem tido por causas idênticas.

Quem dá leva: é da ordem das coisas.

Sempre estude bem as epígrafes, antes de as publicar, para não ser obrigado a corrigi-las mais tarde ou a arriscar-se a que venham dar-lhe algum quinau. Os inimigos bragueses são temíveis.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 26 de Março de 1896)

Decerto já viu a *Revista Crítica* espanhola, onde o Hübner faz a apreciação dos seus dois livros.

Tome tudo à boa parte e pese bem os conselhos do mestre. Com a sua boa vontade e tenacidade pode ir longe; mas é preciso que pense sempre no público lá de fora, e não no nosso, e edifique com bons alicerces e bons materiais. Na parte propriamente gráfica das inscrições não se fie muito na sua perícia de copista. O Hübner nota-lhe esse senão, e eu já o notei também. Fiel, fiel só a objectiva fotográfica que reproduz os caracteres sem as preocupações da nossa máquina pensante.

Apesar de tudo, creio que lhe devo dar os parabéns pela crítica do Hübner. Aquela gente segue a regra de que só se critica o que tem algum valor; do que não tem diz-se apenas que está abaixo da crítica e não se diz nada.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 14 de Abril de 1896)

Muitíssimo agradecido pela notícia e conselhos que me dá. Ainda não li o artigo do Dr. Hübner, mas já ontem recebi uma carta do Snr. Dr. Teófilo Braga felicitando-me “pela honra singular de ter merecido ao grande epigrafista Hübner um extenso artigo sobre o seu livro das inscrições bracarense”. Agora porém vejo que o artigo se refere aos 2 livros. [...]

O Dr. Vasconcelos deve estar fulo contra mim. Pediu-me estas duas inscrições, mas eu respondi-lhe que só lhas enviava depois de lhes dar publicidade. A imprensa local tem-se referido a mais este achado, não dizendo em que sítio estão, porque até hoje só eu e o lavrador somos sabedores do caso.

O Machado, quando alguém lhe pergunta por elas, responde (sabe Deus com que pesar) que decerto é *em alguma aldeia!*

(Albano Belino - Braga, 15 de Abril de 1896)

Continue na sua faina e deixe zoar a carvalheira. Muita prudência e muita consciência, e em casos de polémica nunca perca o sangue frio.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 18 de Abril de 1896)

Ando com sorte epigráfica! Há poucos dias encontrei o troço de miliário com as duas inscrições romanas de que dei conhecimento a V. Exa., e ontem deparei com outro troço que apenas tem 3 palmos de alto e onde tem estas poucas letras:



[...] Como ninguém sabe onde encontrei as romanas inéditas, e a imprensa tem feito constar que as achei *em Braga* sem dizer o local, o Machado dá-se a perros; anda fulo por não saber informar o Vasconcelos amigo. Desta vez preguei-lhe esta partida, não só para eu poder estudá-las com cuidado antes que outro as publicasse, mas muito principalmente para impedir que ele dissesse, como costuma:

Aquilo já eu conhecia há anos, e as minhas cópias discordam na letra tal, etc., etc..

Creia V. Exa. que o homem tem isto por hábito. No tempo em que me dava com ele, apanhei-o muitas vezes nestas trapacices.

Vou estudando o mundo para errar menos. Ele, o Machado, não tardará a dizer que as inscrições dos meus achados são mandadas gravar por mim. Muitos bragueses pasmam com as minhas colheitas! e eu cada vez mais me sinto mais disposto a percorrer e investigar todos os pontos da cidade e arrabaldes onde se afigure haver calhaus. [...]

O troço das 2 inscrições está em minha casa, apumado, para ver se posso completar a cópia. Instei muito com o Dom José de Siqueira (S. Martinho) para mo ceder, mas a resposta dele é invariavelmente: – Leve-o para sua casa, estude-o, mostre-o, anuncie mesmo que se acha em seu poder, que eu prometo não lho tirar. *Emprestadou-lho*. Eu bem lhe disse que só percebia as 2 últimas sílabas, mas ele deseja primeiramente saber se a pedra tem merecimento, e não quer dizer francamente: – *dou*. Ele é muito bondoso e eu vou fazer-lhe uma referência-agradecimento, a ver se as bichas pegam.

(Albano Belino - Braga, 19 de Abril de 1896)

Cá está outra inédita!!!

Esta felicidade parece um sonho!

É verdade que para isto eu vou-me *introduzindo* nas casas particulares existentes em todo o espaço da antiga cidade dos romanos. [...]

Antes entrar nas casas particulares, aqui na cidade, porque às vezes até na adega se encontram inscrições!

(Albano Belino - Braga, 21 de Abril de 1896)

Pese bem os conselhos do mestre e assente em que se não pode hoje escrever sobre a nossa epigrafia, sem ver as correcções que ele fez ao Argote e aos nossos investigadores. [...]

Estimo muito que os ventos lhe continuem favoráveis. O meu palpite é que ainda tem muita coisa a descobrir nessa mina braguesa.

A planta, de que me fala, não deveria exceder a área das muralhas; mas é possível hoje seguir a linha das muralhas da Bracara Augusta? Seria uma fortuna, em que me custa a acreditar.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 5 de Maio de 1896)

Os trinta e tantos metros de muralha que ainda se conservam para o lado dos Pelmes indicam a parte sul da antiga Bracara romana. É isto e os vestígios que se encontram naquela área o

que tem levado os investigadores a dar como extremos o local de Maximinos e o Hospital de S. Marcos.

Efectivamente a parte Norte da igreja da Sé não é anterior ao século XII, nem também, fora do referido espaço, aparecem no solo a glarea, o tijolo e a telha de rebordo.

Eu tenho notado que o *Ídolo*, um pouco distante do Hospital de S. Marcos, estava numa das saídas da cidade, e no alinhamento da rua da Palmatória (hoje vedada) onde se conservam as 2 inscrições AGATHOROD e MANTONIVS da Pax Júlia.

A propósito, lembra-me participar a V. Exa. que o granito destas duas formosas inscrições está a desfazer-se. Até mesmo com o dedo se desfaz em parte, o que não admira por estarem embutidas no muro da cerca dos Remédios, sem o mínimo resguardo! Ando a ver se consigo trazê-las para junto do miliário que tenho em minha casa.

(Albano Belino - Braga, 6 de Maio de 1896)

O decalque não está bom. Não quero maçá-lo mais, pedindo-lhe outro; mas parece-me conveniente dizer-lhe como se pode fazer obra limpa. O papel deve ser mais fino. O papel de imprensa serve bem, mas quanto menos goma melhor. Molha-se muito a pedra e assenta-se o papel em cima das letras batendo-o com uma esponja bem molhada, de modo que seja bem recalcado para o fundo das letras. Se o papel rasgar, não importa; põe-se 2.^a folha de papel por cima da 1.^a e faz-se o mesmo que a esta. Água e mais água. Pode pôr 3.^a e 4.^a folha e às vezes até não é mau. Deixa-se depois secar tudo naturalmente e pelo avesso das folhas as letras aparecem num bom relevo – o que o seu decalque não mostra. [...]

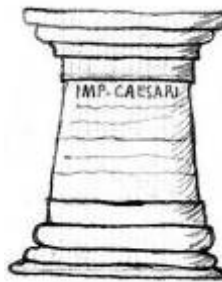
Quando há letras duvidosas, toda a cautela é pouca. Nestes casos, antes ver de menos, que de mais. [...]

Naturalmente as lápides que se esfarelam estão salitradas: a doença é grave. [...]

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 7 de Maio de 1896)

Estou em maré de felicidade epigráfica!

Ontem encontrei a 1 légua de Braga um formosíssimo pedestal romano, cuja inscrição julgo inédita. É monstro!



[...] Encarreguei o pároco para na próxima ocasião propor à Junta a venda desta preciosidade, mas ele deu-me a entender que aquele povo não consentirá. [...]

Se em Lisboa houvesse uma *Comissão dos Monumentos* que quisesse aproveitar o meu entusiasmo alguma coisa se faria a bem da arqueologia; mas eu entendo que na cidade de mármore só há Machados e Vasconcelos!

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 13 de Maio de 1896)

Parabéns pelo seu magnífico achado. A conquista do calhau seria inapreciável, mesmo para não sofrer a sorte do outro – o que é possível dum momento.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 13 de Maio de 1896)

Se o correio não for ladrão, deve receber ao mesmo tempo que esta carta os cinco mil e tanto da trapalhada dos 2 foros. [...]

Não sei o que o José Leite pretende e já por mais duma vez lhe tenho observado que as suas críticas são muito aziumadas. Ninguém lhe dá volta; assim nasceu, assim há-de morrer. [...]

Agora uma pergunta, a que me animam umas palavras semi-mesteriosas, que me escreveu, quando me deu notícia do achado último – o Sacrum e o Augusto! – faz sacrifício em o ceder ao Museu de Guimarães pelo preço por que o tem?

Se faz, não falemos mais em tal, e estime bem o calhau, porque não tem pouco merecimento.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 25 de Maio de 1896)

O seu brinde é principesco; e, se eu desejo que ele se realize cedo, é porque queria vê-lo nomeado sócio correspondente da Sociedade e há hoje um certo melindre em fazer estas nomeações, sem que os nomeados tenham prestado algum serviço positivo à agremiação vimaranense. Mas parecerá talvez mal da minha parte lembrar-lhe, ou antes concordar com a sua lembrança, de que a dádiva lhe pode acarretar desgostos da parte dos snrs. bragueses. Pense nisso.

Em todo o caso, eu não cederia o marco miliário, além de outras razões, porque está bem aí, em Braga, melhor que em qualquer outra parte. Guardava-o e fazia-me rogado, quando nessa terra acordassem com a ideia de organizar um museu, e me viessem bater à porta.

Desculpe-me estas franquezas e veja se também lhe sirvo para alguma coisa.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, S/data)

Estimarei muito saber que já travou relações com o tal marco miliário que lhe comunicaram. Há-de encontrar muito mais, continuando no expediente de procurar antiguidades, em vez de esperar que elas o venham procurar a casa. Mesmo quando se abram alicerces para uma construção nova, é muito provável que apareça alguma coisa e eu havia de fazer a boca doce aos mestres pedreiros da terra. Dizem-me que quando o barão do Castelo aí fez a sua casa, apareceram umas poucas de inscrições que foram para os alicerces. Velho e relho.

(F. Martins Sarmento – Briteiros, S/data)

Esteve em minha casa o Abade de Tagilde a quem mostrei o meu microscópico *museu*. Gostou muito do pedestal de Paulo Fábio Máximo.

(Albano Belino - Braga, 21 de Junho de 1896)

A minha primeira romaria vai ser ao Gerês. Bem vontade tinha de ir levar um quarto de Sal ao S. Bento da Porta Aberta, para lhe passar à beira, mas já não tenho bofes para subir os montes. As outras romarias e em geral ajuntamentos de gente, quero-as sempre a algumas léguas de distância.

Provavelmente descí um furo ao titular do Castelo. Seria o visconde. [...]

Vejo que ainda tem algumas apreensões com o fantástico director da Revista ou da Sociedade, à conta do qual o Machado devaneou. Posso assegurar-lhe que tudo é peta, porque tive curiosidade de tirar a coisa a limpo, e averiguei que não tinha pés nem cabeça.

(F. Martins Sarmento – Briteiros, 26 de Junho de 1896)

O que é necessário é que não durma sobre os louros. Já vê que fora do nosso *meio* invejoso e malévolo, há algum que pague as fadigas de quem trabalha com vontade e a Bracara Augusta tem ainda muito que dar a quem a espreitar com cuidado e zelo. Deixe grunhir os sabichões de gabinete e vá andando sempre.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, Agosto de 1896)

O Snr. Dr. Vasconcelos (Leite) já anunciou na *Revista Lusitana* e na *Revista Crítica*, de Madrid, que é apócrifo o I do *Ídolo* e que em vez de PONGOE deve ler-se TONGOE. Oculta, porém, manhosamente quem lhe observou a substituição do P, e dá a coisa como dele, sendo verdade que o P.^o Pereira, professor do Liceu, foi quem ingenuamente lho inspirou, depois de ter ido comigo e com O P. C., alguns meses antes, examinar o monumento, e ali concordaram na alteração!

(Albano Belino - Braga, 11 de Agosto de 1896)

O meu médico, Avelino, diz-me que o melhor remédio contra a minha bronquite é o calor da cama, e eu não acho mau o remédio, que não me impede de ler e escrever.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, s/data)

Se o Padre Pereira foi quem descobriu o T no ídolo de Braga tem de bater-se com o José Leite. A questão será cómica, porque isto de reclamar para si o monopólio dum T pode despertar a hilariedade dos trocistas.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 13 de Fevereiro de 1897)

Nem pense em destruir o calhau. Seria quase um sacrilégio. Em caso de perigo, bastará enterrá-lo, e dizer fleumaticamente que não sabe dele, ou que o deu.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 16 de Fevereiro de 1897)

Estimo muito que o *seu* museu se enriqueça. Quanto ao carneiro, agradeço-lhe muito a lembrança; mas como a jornada é longa e os senhores bragueses podem dizer que vamos talar-lhes os campos, acho melhor só recolher no museu de cá o que fica aquém da Falperra.

O que desejo também é que tudo se harmonize por aí e o museu bracarense não fique em projecto. Os deuses hão-de fazer tudo pelo melhor.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, s/data)

A junta de paróquia de Semelhe vai dizer na receita das suas contas: – produto da venda *de parte da pedra* que antigamente pertenceu a um cruzeiro tanto.

Aprovadas essas contas pela Comissão Distrital e pelo Governo Civil, alguém poderá incriminar a junta por um dos seus actos legais, ou obrigar-me a ceder o que justamente possuo? Parece-me que não. Que lhe parece a V. Exa.?

Enterrar o monumento não é coisa fácil, porque ele é um monstro, mas eu não tolero que ele me seja retirado de casa em bom estado. É um sacrilégio, é, mas que fazer?

(Albano Belino - Braga, 26 de Fevereiro de 1897)

A única coisa que eu sentirei é que o museu se não organize por qualquer motivo e que se não associem aqueles de quem há a esperar coisas úteis. O futuro é que diria, pelas obras, quais são os beneméritos e quais os parasitas. Sempre pense bem no negócio.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 2 de Março de 1897)

Creio que a coisa chegou sem perigo. Digo – creio – porque mandei recolher o caixão sem o abrir e só depois do dia 9 vou examiná-lo.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, s/data)

Eu já lhe tinha profetizado que de fora do país é que lhe haviam de vir os incitamentos e os prémios. Mas também lhe viriam os castigos, se, por exemplo, levasse por diante a sua péssima ideia de querer aniquilar o monumento de Augusto, fosse por que motivo fosse. Comos estamos na Quaresma, confesse-se desse pecado. [...]

Continuo a ter esperanças em que tudo aí se há-de conciliar, sendo resgatada a vergonha de andarem sempre com tentativas inúteis para a organização de um museu, quando tantos materiais e bons possuem para ele.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 17 de Março de 1897)

O monumento de Augusto ainda não está seguro, porque o Reitor de Semelhe tem medo de apresentar na receita a verba da venda, não obstante eu assegurar-lhe que tudo será aprovado no Governo Civil.

O que posso afiançar a V. Exa. é que o monumento não sai de minha casa à valentona. A Junta poderá, a requerimento de qualquer eleitor, intimar-me judicialmente a restituir a pedra: porém eu responderei à intimação dizendo que quebrou ou desapareceu a pedra, e o resultado é uma multa do valor que dei por ela!

Continua V. Exa. na esperança de tudo se conciliar para a fundação do museu. Os ânimos dos membros da comissão estão conciliados e por conseguinte a obra deve ir por diante, porque não vejo nada que a estorve. Se o P.^o Capela quiser a minha cooperação, pode escusar todos os companheiros. Eu não aceito nada porque vou compreendendo que estou melhor na oposição. Trabalho mais e com maior gosto. Um pequeno embaraço na ocasião presente (mais um peçadito que levarei a confessor junto com o da tentativa de assassinato do monumento) fazia-me algum bem, para eu poder, nesse meio tempo, aumentar o meu *museu* epigráfico. Depois deles concluírem os seus trabalhos é que não me fica bem recolher velharias encontradas por estes sítios. Ainda assim vou recolhendo o que me foi oferecido há meses, que vem a ser duas lápides romanas da freguesia de Dume, um cavaleiro de Panóias, a *Tullia* e a *Atticia*. Já recolhi um capitel e um leão que ontem encontraram numa parede interior da paróquia de S. João do Souto, uns pedreiros que ali andam a abrir portas e a fazer desaterros.

(Albano Belino - Braga, 19 de Março de 1897)

Quando o João aqui esteve a modelar o monumento de Augusto senti que ele me dissesse que só podia ser tirado em gesso, e por isso impróprio esse modelo para estar ao ar livre. Mau foi, porque ao centro do claustro era de *rachar*. Encostado à parede também não deve ficar mal desde que se possa ler a inscrição completa.

Sabe que o P.^o Capela despediu-se da Comissão do Museu? O P.^o Pereira que é o Vice-presidente, disse-me que está morto por lançar a carga ao mar, pois nem ele nem os seus companheiros percebem de arqueologia. O pedante do Vasconcelos concorreu bastante para este resultado com as suas arreeiradas num artigo laudatório para a Comissão. Eu respondo a todos que me encarrego de apresentar o museu fundado ao cabo de um ano; e espero isso quando esta Câmara for dissolvida ou substituída por outra contrária ao Vasconcelos daqui.

(Albano Belino - Braga, 26 de Abril de 1897)

Antes de vir para aqui, mandei montar o monumento de Augusto; mas, não havendo lugar próprio para o dar completo, a não ser ao ar livre – o que não tinha grande jeito, contentei-me com montar a metade do calhamaço, encostado à parede e paredes-meias com o “Ídolo”. Parece-me que não ficou mal.

(F. Martins Sarmento – Briteiros, 23 de Maio de 1897)

E o museu braguês morto e enterrado? Leiam-lhe os exorcismos.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 8 de Junho de 1897)

Deixe-me começar por lhe dar os parabéns pela nomeação de sócio correspondente do Instituto, se é certa, como creio, uma notícia que li numa gazeta. Já vê que vale alguma coisa trabalhar na vinha das velharias e que há alguém que leia estas coisas.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 18 de Julho de 1897)

O gesso ainda está encaixotado. A minha bronquite tem-se portado muito mal e obriga-me a um agasalho contínuo. Parece história; mas desde que vim da Póvoa, ainda não fui ao Museu, se bem que me não falte que fazer por lá.

(F. Martins Sarmento – s/data Guimarães)

O que tem é que, com estes serviços à ciência, a gente acaba por ver umas poucas de libras fora do bolso e não raro apanha uma descompostura, que não apanharia se estivesse muito quieto em sua casa, sem se lembrar da ciência e dos seus cultores. No entanto, como temos mãos, também podemos dar quatro socos e isso em certa idade é bom e faz bem

Ainda não perdi a esperança de que um dia teremos um museu braguês. Só farei votos para que não esperem pela minha morte, porque sempre queria deitar alguns foguetes, quando ele for inaugurado.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 28 de Fevereiro de 1898)

Nos impressos que vou distribuir pelos párocos, com a assinatura do Prelado, meto os sinos velhos e os nomes dos lugares de cada freguesia. Tenciono obter, por intermédio dos governadores civis de todos os distritos, os nomes das freguesias, das quintas e respectivos campos ou glebas, montes, etc.

(Albano Belino - Braga, 4 de Abril de 1898)

Estou com curiosidade de saber o que dá a exploração do penedório do Ídolo. 12.000 réis é bem bom; mas que se gasta muito dinheiro com estas coisas, já eu sei por experiência. Os outros riem-se e é preciso que a gente se ria também.

(F. Martins Sarmento – Guimarães, 7 de Abril de 1898)

Cada vez mais disposto me sinto a uma nova edição deste livro [Estaço], reproduzindo-o com a ortografia e estilo próprio, tudo com a máxima fidelidade, e adicionando-lhe as notas indispensáveis à correcção e esclarecimento de alguns pontos. Não lhe parece que seria um bom serviço?

(Albano Belino - Braga, 20 de Abril de 1898)

A reedição do livro era decerto um bom serviço às nossas Letras; mas a coisa não deve ficar muito barata num país, como o nosso, em que não abundam compradores de obras desta espécie.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 21 de Abril de 1898)

Se conheço os miliários descobertos pelo Pinheiro no Castro de Avelãs?

Não conhecerei eu outra coisa. Foram desenterrados à custa da Sociedade, ou, se quer, à minha custa, pelo menos um, como se pode ver num relatório que o Pinheiro publicou na “Revista de Guimarães”; mas o bom do Pinheiro arranjou as coisas tão bem, que as obras públicas tomaram conta dos calhaus e cederam-nos ao Museu de Bragança. De cá ainda se quis pôr um embargo, mas nada se pôde fazer.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 26 de Abril de 1898)

Se ainda pode ter mão na sua conjectura, não a deixe sair do seu quarto. Ela não tem nada de viável; e, para o desenganar, procure em qualquer dicionário latino de boa nota e verá que não encontra a palavra – *Calens*.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 3 de Maio de 1898)

Em vez de dizer que não encontraria nos bons dicionaristas a frase “*aquae calentes*”, creio que escrevi que não encontraria a palavra *calens*, que aliás é muito conhecida, bem que empregada no sentido activo. [...]

Sabe que lhe faço estas observações com a melhor das intenções. É muito de crer que o Lopo mandasse cópia ao J. Leite, e, se este o apanha em mau caminho, provavelmente não o poupará.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 4 de Maio de 1898)

Desconfie dos tratadistas do tempo de Argote. Em coisas de mitologia, por exemplo, é preciso conhecer o que foi desenterrado depois.

(F. Martins Sarmiento – Briteiros, 6 de Junho de 1896)

Creio bem que com o andar do tempo terá em seu poder todas as inscrições braguesas. Hoje quase toda a gente trata do *cotillon* e seria capaz de vender o seu solar, quanto mais uma pedra velha, para gozar das delícias do *can-can* e seus apêndices. Se eu não estivesse velho, talvez fizesse o mesmo. Veja lá se alguém lhe fala em museu. Aqui, onde há um, é que ninguém tem velharias.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 25 de Outubro de 1898)

Pela leitura dos jornais sei que V. Exa. tem ultimamente passado mal de saúde.

(Albano Belino - Braga, 8 de Abril de 1899)

Muitos e muitos parabéns por se achar salvo do perigo. Creia que sinto com isso imenso contentamento. [...]

Estou em vésperas de explorar o *Monte Redondo* e mais dois pequenos castros nas suas proximidades.

(Albano Belino - Braga, S/data)

Mil agradecimentos pelas suas atenções e felicitações pelas suas descobertas. Ainda estou muito arrasado para me alargar na epistolografia, nem os médicos mo permitem. Ficará para mais tarde.

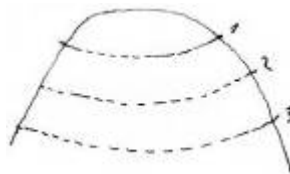
(F. Martins Sarmiento – cartão de visita, s/ data, provavelmente de Briteiros)

Estimo que aí continue a melhorar e que a Exma. Snra. D. Maria esteja bem de saúde.

Brevemente darei princípio à exploração do Monte Redondo e a uns pequenos castros que pouco prometem. O monte de Santa Marta ficará para mais tarde porque ali o desaterro deve ser muito dispendioso e não encontro nos seus proprietários a protecção dos do Monte Redondo.

Este monte é, como sabe, muitíssimo elevado com três ordens de muralhas em toda a volta, excepto numa pequena parte do lado sul por onde o monte está ligado aos que se lhe seguem.

Tem esta configuração



Dentro da primeira muralha e ainda em parte da segunda é onde devemos procurar as habitações desmoronadas, como o indicam os numerosos montes de pedra miúda e alguns vestígios circulares como na Citânia. Convirá principiar a desviar a terra do planalto para um lugar fora da 3.^a muralha. Obsequieia-me elucidando-me sobre o modo de dar início à obra. Quanto ao cuidado que deve haver com os cavadores conheço eu os meios a empregar.

Entre os numerosos penedos com covinhas há um enorme (templo?) que tem dum lado três degraus muito bem cavados e no alto um **D** de mais de 0m,20cm de alto. Um pouco afastado do **D** existem vestígios de 3 letras que me parecem a costumada fórmula funerária – **D. M. S** (Diis manibus sacrum). Poderá isto ter lugar no monólito?

Nos 8 castros que ultimamente visitei encontrei sempre os tais penedos com as covas pequenas e bastantes do diâmetro de 30 e 40 centímetros.

(Albano Belino - Braga, 3 de Junho de 1899)

Aqui estou em Briteiros, a ver se me esqueço da mocada, que aqui recebi no dia da Santa Páscoa. Estou ainda muito atordoado, mas a causa principal são decerto os Marços, que me pesam no cachaço.

Se lhe fosse fácil remover os entulhos para fora da 3.^a muralha, poderia considerar isso como uma grande felicidade. Como o monte tem um grande declive, e a área a explorar não é grande, segundo cuido, seria talvez possível montar uma caranguejola, a modo de elevador,

poupando muito o trabalho braçal, sempre muito moroso. Por aí desceria tudo, pedra miúda e terra, ficando a exploração limpa e bonita, porque deixa à vista todas as construções sem montões de terra e pedregulho de permeio, como me sucedeu na Citânia. Não vejo conveniência em desviar primeiro a terra. Eu atacaria um ponto dado, removendo a pedra e terra que a escavação desse e despejada uma casa, tomá-la-ia como fio do labirinto, continuando a escavação até encontrar outra, etc.

Marcado o ponto, por onde tivesse de fazer funcionar o *elevador*, começaria a exploração no lado oposto e próximo da muralha, onde necessariamente há-de encontrar casas.

Naturalmente, além dos penedos com *buraquinhãs* (*fossettes*) há-de haver outros com sinais, círculos concêntricos, etc. Se o sol bate de chapa, às vezes custam a descobrir, mas se o sol é oblíquo, por leves que sejam, desenham uma sombra que os denuncia: qualquer sinal destes é muito importante.

Um penedo com a fórmula sepulcral **D.M.S.** seria uma novidade. Eu não acredito muito nela; mas toda a atenção é pouca para estes achados, e coisas novas é que se quer.

Que seja muito feliz nos seus trabalhos é o que deveras lhe desejo.

(F. Martins Sarmiento – Guimarães, 5 de Junho de 1899)

Não devolvi logo o seu questionário, porque não tenho andado para nada, martirizado com umas estúpidas dores nevrálgicas, ou o diabo, que nem me deixam de dia, nem de noite.

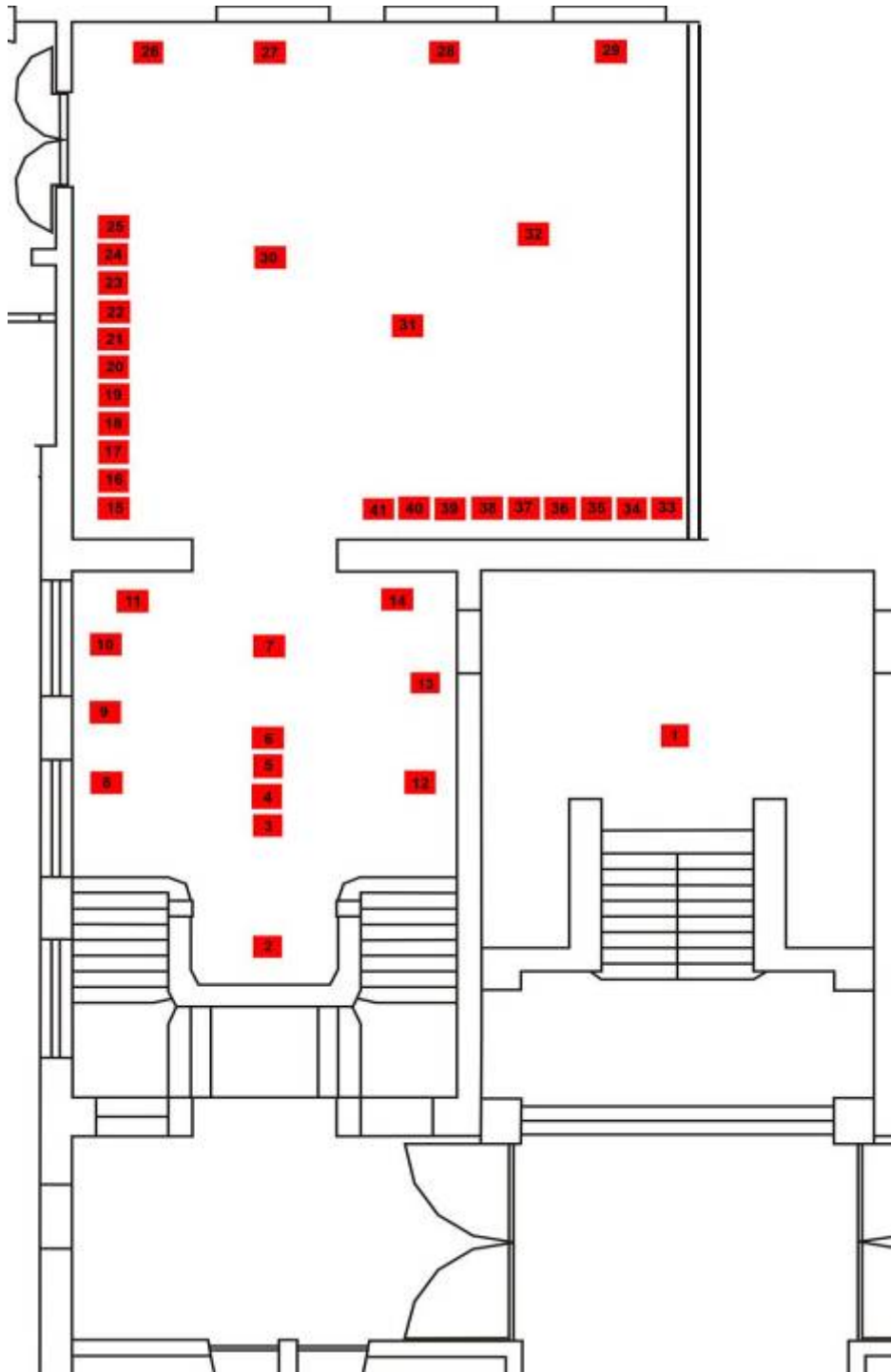
Entendo que não deve acrescentar-se mais nada ao interrogatório e até o acho superabundante. Se os párocos responderem direito à décima parte das perguntas seria já um milagre, com que poderia requerer-se a canonização do novo arcebispo.

(F. Martins Sarmiento – Briteiros, Junho de 1899)

Daqui a 8 dias voltarei ao monte da Santa Marta. Quando V. Exa. melhorar, deve vir ao sítio. Eu encarrego-me de lhe proporcionar um meio fácil de transporte.

(Albano Belino – Bilhete Postal - Braga, 22 de Junho de 1899)

Planta da Exposição



CATÁLOGO

1

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0015

Designação: Ara votiva consagrada a Divindade Indígena Romanizada – ANTISCREVS

Dimensões (cm): 89 x 44 x 44; altura letras: 4 e 5,5

Proveniência: Castro de Monte Redondo, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Inscrição: PROS

+ C · NSC

REOSEI

HERMES

V · S · LM

Leitura da inscrição*: Pro s (*alute*) ITi (*beri*) C (*aesaris*) Antisc / reo Sei (...?) / Hermes / v (*otum*) s (*olvit*) I (*ibens*) m (*erito*)

Interpretação: Pela saúde de Tibério, Sei (...) Hermes cumpriu de boa vontade este voto a Anticreus



2

Nº. Inventário: SMS – Esc – 0201

Designação: São Sebastião

Dimensões (cm): 61 x 21,5 x 16,5

Proveniência: Desconhecida

Matéria: Calcário Oolítico

Datação: séc. XVI

Descrição: Escultura policromada em calcário oolítico. São Sebastião está representado vestindo uns calções ou cuecas apertados com um laço, coroadado, amarrado a um tronco e cravado de orifícios das setas que o caracterizam (apresenta apenas vestígios de uma seta em madeira)



* As leituras epigráficas adoptadas neste catálogo são as versões de Mário Cardozo que se encontram no *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*. 3.ª Edição, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1985

3

Nº. Inventário: SMS – Cer – 0001

Designação: Asa

Dimensões (cm): 7,8 x 2 x 0,8

Proveniência: Desconhecida

Matéria: Cerâmica

Datação: Indeterminada



4

Nº. Inventário: SMS – Cer – 0002

Designação: Fragmento de bordo com asa

Dimensões (cm): 11 x 11 x 0,9

Proveniência: São Paio, Vizela

Matéria: Cerâmica

Datação: Indeterminada

Descrição: Fragmento de bordo com asa, sem decoração, com vestígios de fuligem



5

Nº. Inventário: SMS – Cer – 0003

Designação: Vaso fragmentado

Dimensões (cm): 7,5 x 10,5 x 0,5

Proveniência: Semelhe

Matéria: Cerâmica

Datação: Indeterminada

Descrição: Vaso fragmentado, com decoração incisa e vestígios de fuligem



6

Nº. Inventário: SMS – Cer – 0004

Designação: Pote fragmentado

Dimensões (cm): 18 x 14,5 x 0,4

Proveniência: São Paio, Vizela

Matéria: Cerâmica

Datação: Indeterminada

Descrição: Pote fragmentado, com arranque de asa



7

Nº. Inventário: SMS – Cer – 0005

Designação: Caleiro

Dimensões (cm): 8 x 65 x 23

Proveniência: Desconhecida

Matéria: Cerâmica

Datação: Indeterminada

Descrição: Caleiro fragmentado que serviria para o escoamento de águas



8

Nº. Inventário: SMS – Mos – 01/02/03/04

Designação: Mosaicos Romanos

Proveniência: Braga

Matéria: Argamassa e *tesselae*

Descrição: Diversos fragmentos de diferentes conjuntos de mosaicos (*opus tessellatum*). O revestimento a mosaico de pavimentos e paredes foi muito utilizado no período romano. Era feito com pequenas pedras coloridas (*tesselae*), assentes sobre uma argamassa muito resistente (*opus signinum*), formando desenhos variados



9

Nº. Inventário: SMS – Mos – 05 / 06 / 07 / 08 / 09 / 10 / 11 / 12

Designação: Mosaicos Romanos

Proveniência: Braga

Matéria: Argamassa e *tesselae*

Descrição: Diversos fragmentos de diferentes conjuntos de mosaicos (*opus tessellatum*). O revestimento a mosaico de pavimentos e paredes foi muito utilizado no período romano. Era feito com pequenas pedras coloridas (*tesselae*), assentes sobre uma argamassa muito resistente (*opus signinum*), formando desenhos variados



10

Nº. Inventário: SMS – Mos – 13

Designação: Mosaicos Romanos

Proveniência: Braga

Matéria: Argamassa e *tesselae*

Descrição: Fragmento de um mosaico (*opus tessellatum*). O revestimento a mosaico de pavimentos e paredes foi muito utilizado no período romano. Era feito com pequenas pedras coloridas (*tesselae*), assentes sobre uma argamassa muito resistente (*opus signinum*), formando desenhos variados



11

Nº. Inventário: SMS – Mos – 14 / 15 / 16

Designação: Mosaicos Romanos

Proveniência: Braga

Matéria: Argamassa e *tesselae*

Descrição: Diversos fragmentos de diferentes conjuntos de mosaicos (*opus tessellatum*). O revestimento a mosaico de pavimentos e paredes foi muito utilizado no período romano. Era feito com pequenas pedras coloridas (*tesselae*), assentes sobre uma argamassa muito resistente (*opus signinum*), formando desenhos variados



12

Designação: Livros e Jornais

Descrição: Artigos escritos por Albano Bellino.

- *Portvgália*, tomo I – fasc. 1 a 4, 1899-1903, *Habitação Urbana – Braga e Guimarães*, p. 613-618

- *O Bijou*, Publicação Quinzenal Literária, 1886.

- *Revista Crítica de História y Literatura Españolas, Portuguesas e Hispano-Americanas*, Madrid, Marzo de 1896.



13

Designação: Livros e Apontamentos

Descrição: Apontamentos e livros escritos por Bellino.

- *Magivs de Tintinnabvlis*

- Correspondência entre Albano Bellino e Francisco Martins Sarmento

- Inscrições Diversas (desenhos e esquemas)

- Desenhos de moedas romanas

- *Correspondência entre Hübner e Albano Bellino*

- *Inscrições romanas de Braga (inéditas)*. Braga, 1895

- *Várias*

- *Novas inscrições romanas de Braga (inéditas)*. Braga, 1896

- Inscrições e letreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes [pref. de Pereira Caldas]. Porto: Typ. Occidental, 1895



14

Designação: Apontamentos

Descrição: Apontamentos e notas diversas de Albano Bellino



15

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0171

Designação: Material de construção

Dimensões (cm): 19 x 64 x 36

Proveniência: Desconhecida

Matéria: Tijolo, pedras e terra

Datação: séc. II a. C.

Descrição: Blocos de materiais irregulares, de pedra e tijolo, reduzidos a pequenos fragmentos e ligados entre si por meio de uma argamassa. Este material de construção, designado pelos Romanos – *opus caementicium*, foi por estes começado a utilizar a partir do séc. II a. C.



16

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0117

Designação: Prisão de gado

Dimensões (cm): 35 x 19

Proveniência: Castro Monte Redondo, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Pedra vasada por um orifício, da série vulgar nos nossos castros, conhecida pela designação de “prisões de gado”



17

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0117a

Designação: Ombreira de porta ou janela

Dimensões (cm): 13,5 x 74 x 13

Proveniência: Desconhecida

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada



18

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0117b / 0117c

Designação: Fragmentos de mós manuais

Dimensões (cm): 13 x 22 e 16 x 37

Proveniência: Castro de Monte Redondo, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada



19

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0117d

Designação: Pedra ornamentada

Dimensões (cm): 46 x 22,5 x 19

Proveniência: Castro de Monte Redondo, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Pedra ornamentada, do tipo das de Briteiros e de Sabroso. Este tipo de pedra era especialmente aplicada no embelezamento das portas e paredes exteriores de algumas habitações. A ornamentação apresenta o motivo geométrico de entrançado em forma de oito e três semi-círculos



20

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0091

Designação: Busto

Dimensões (cm): 23,5 x 20

Proveniência: Castro de Monte Redondo, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Busto de uma estatueta, com um preenchimento em cimento



21

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0169

Designação: Escudete

Dimensões (cm): 43 x 33

Proveniência: Desconhecida

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Escudete contendo no campo uma cruz de braços iguais, seguro por uma figura de leão. Tem o aspecto de uma gárgula ou de um modilhão



22

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0096

Designação: Figura equestre

Dimensões (cm): 54 x 49 x 27

Proveniência: Lugar de Grovos, Caires, Amares – Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Baixo-relevo, representando uma figura equestre, com o braço direito apontando para a retaguarda. Parece ser uma escultura da época lusitano-romana, mas bastante perfeita e sem o carácter de uma obra de arte indígena. Esta curiosa escultura foi dada por alguns arqueólogos como a representação da Deusa céltica Epona. Contudo o Professor Fernand Benoit, Director do Museu de Borély, de Marselha, interpretou-a simplesmente como a figura de um cavaleiro trácio. O equívoco da interpretação escultórica como sendo a de uma divindade feminina resultou de um desenho errado, publicado por Salomon Reinach, que representou esta figura como sendo a de uma amazona, cavalgando, com as duas pernas do mesmo lado do dorso do cavalo, o que não corresponde ao que se vê no ginete



23

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0166

Designação: Estatueta Cristã

Dimensões (cm): 40 x 19,5 x 19,5

Proveniência: Santo Ovídio

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Imagem de um bispo, mitrado e de báculo, com a mão direita erguida, na atitude de lançar a bênção



24

Nº. Inventário: SMS – Lit – 0158

Designação: Ornato zoomórfico

Dimensões (cm): 36,5 x 36 x 22,5

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Motivo escultural zoomórfico, representando um coelho. Foi encontrada em Braga, na antiga Rua do Coelho, num palacete de família que tinha esse apelido



25

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0165

Designação: Capitel

Dimensões (cm): 22 x 29; altura letras: 4

Proveniência: Desconhecida

Matéria: Granito / Alabastro

Datação: séc. XVI

Inscrição: IORJE DE BAROS 1534

Leitura: Jorge de Bar(r)os. 1534



26

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0082

Designação: Marco miliário

Dimensões (cm): 118 x 56; altura letras: 9

Proveniência: Germil, Santa Maria de Panóias, Braga

Matéria: Granito

Datação: séc. I (32-33 J. C.)

Descrição: Segundo Hübner, esta coluna miliária teria sido dedicada ao Imperador Tibério no ano de 32 – 33 de J. C.. Na parte oposta, e em posição inversa, contém o miliário o letreiro – Tibães. Com a antiga inscrição latina voltada para baixo, servindo então certamente de marco limitativo de terrenos pertencentes ao Mosteiro de Tibães



Inscrição: TI · CAESAR · DIVI · AVG · F ·

DIVI · IVLI · NEPOS · AVG ·

PONT · MAXIMVS ·

IMP · VIII · CONSUL · V ·

TRIB · POTEST · XXXIV

BRACARAVG ·

II

Leitura da inscrição: Ti (*berios*) Caesar, Divi Aug (*usti*) f (*ilius*), / Divi Iuli nepos Aug (*usti*), / Pont (*ifex*) Maximus / Imp (*erator*) VIII, Cónsul V, / Trib (*unicia*) Potest (*ate*) XXXIV. / Bracaraug (*usta*) [...?...] / II (*milla passuum*)

Interpretação: Tibério César, filho do divino Augusto, neto do divino Júlio Augusto, Pontífice Máximo, saudado Imperador oito vezes, Cónsul cinco vezes, do Poder Tribunício trinta e quatro vezes. Desde Braga Augusta são ...?... mil passos

27

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0080

Designação: Marco Miliário

Dimensões (cm): 89 x 50; altura letras: 6 x 11

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: séc. IV d. C (306-337 d. C. / 342-361 d. C.)

Descrição: Foi encontrado na Quinta do Cravinho, pertencente ao Conde de S. Martinho. Contém este fragmento de miliário do séc. IV d. C. duas inscrições. Da primeira restam apenas escassos vestígios e supõe-se dedicada a Constantino I e a Constâncio II. Na face oposta desta coluna miliária está gravada a outra inscrição que, segundo Hübner era dedicada a Constantino I.



Inscrições:
TO.....MPE.....
G.....GN
O.....CONSIET TRIVM
I.....NOBILISSI PHATORI
CAESA..... PERPETVO
 SEMPER
 AVG

Leitura das inscrições: [Domino nostro Flavio Valerio Constantino, triumpha] to[ri se] mpe[r Au] g [usto, et] D (*omino*) n (*astro*) [Flavi] o lu (*lio*)] Cons [tant] i [o], nobilissi [mo] Caesa [ri, victori perpetuo, semper Augusto, Pontif (*ici*) Max (*imo*). Bracaraugusta MII XXXVI]

D (*omino*) n (*astro*) Fl (*avio*) Val (*erio*) Constantino Victor] i et triumphatori perpeduo (=perpetuo) semper Aug (*usto*)

Interpretação: A Flávio Valério Constantino, senhor nosso, sempre Augusto triunfador, e a Flávio Júlio Constâncio, senhor nosso, nobilíssimo César, perpétuo vencedor, sempre Augusto, Pontífice Máximo. Desde Braga Augusta até aqui são 36 mil passos

A Flávio Valério Constantino, senhor nosso, vencedor e triunfador perpétuo, sempre Augusto...

28

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0077

Designação: Marco Miliário (série Capela)

Dimensões (cm): 66 x 62 x 30; altura letras: 9

Proveniência: Prado, Braga

Matéria: Granito

Datação: séc. I (14-37 d. C.)

Descrição: Fragmento de miliário de Tibério (14-37 d. C.). Fazia parte da via romana Braga – Astorga, por Ponte de Lima e Tui. Foi encontrada numa bouça da freguesia do Prado. Monumento Nacional (Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910)



Inscrição:VI AVG · F · DI.....

.....S · AVG · PONT.....

.....MP · VIII CON.....

...POTEST

Leitura da inscrição: [Ti (*berius*) Caesar, Di] vi Aug (*usti*) f (*ilius*), Di [vi luli nepo] s Aug (*usti*), Pont (*ifex*) [Max (*imus*), im] p (*erator*) VIII Con [s (*ul*) V, Trib (*unicia*)] Potest (*ate*) [XXXIII. Brac (*ara*) Aug (*usta*)

Interpretação: Tibério César, filho do divino Augusto, neto do divino Júlio Augusto, Pontífice Máximo, saudado Imperador oito vezes, Cônsul cinco vezes, do Poder Tribunicio trinta e quatro vezes. Desde Braga Augusta até aqui são (...mil?)passos

29

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0079

Designação: Marco Miliário

Dimensões (cm): 65 x 47; altura letras: 7

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: séc. II (161-180 d. C / 176-192 d. C.)

Descrição: Este fragmento de miliário foi encontrado na Quinta do Conde de S. Martinho

Inscrição: SAECVLO FELICIS

SIMO IMPP

MAAVRELI ANTONI

NI ET

LAAVRELI COMMO

DI AVGG



Leitura da inscrição: Saeculo felicis / simo imp (*eratorum*) / M (*arci*) Aureli (*i*) Antoni / ni et / L (*ucii*) Aureli (*i*) Commo / di Aug (*ustorum*)

Interpretação: Ao século felicíssimo dos imperadores Augusto, Marco Aurélio Antonino e Lúcio Aurélio Cómodo ...

30

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0139

Designação: Lápide tumular

Dimensões (cm): 197 x 69 x 23; altura letras: 9

Proveniência: São Martinho de Dume, Braga

Matéria: Granito

Datação: séc. XVI

Descrição: Pedra de uma sepultura, encontrada junto ao muro da Quinta do Conde de S. Martinho, próximo da capela de S. Sebastião das Carvalheiras

Inscrição: AQVI IAZ

GREGORI

OGOMEZ

FALECEO

EMTEMPO

DE PESTE

A · X · DIAS

DE MAR

CO DO ã

NO · M · D ·

. LXX .



Leitura da inscrição: Aqui iaz / Gregori / o Gomez / faleceo / em tempo / de peste / a X dias / de mar / ço do ã / no M·D· / LXX

Interpretação: Aqui jaz Gregório Gomes que faleceu em tempo de peste aos 10 dias de Março do ano de 1570

31

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0042

Designação: Inscrição honorífica ou monumental

Dimensões (cm): 63 x 43 x 47; altura letras: 7

Proveniência: São Martinho de Dume, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Inscrição:MALO MELG

.....RACARA

....GVSTANO

....ACERDOTI

...MAE ...CAESA

CONVE...VS

.....G.....



Leitura da inscrição: [Ca] malo Melg / [aeci filio b] racara / [u] gustano / [s] acerdoti / [Ro] mãe, [Aug (usti)], Caesa / [rum] / Conve [nt] us / [au] g [ustanus]

Interpretação: A Camalo, filho de Melgaeco, bracaraugustano, sacerdote da (*deusa*) Roma, de Augusto (*e*) dos Césares, (*dedicou*) o Convento (*braca*) augustano

32

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0083

Designação: Inscrição honorífica ou monumental

Dimensões (cm): 118 x 90 x 82; altura letras: 4 e 5

Proveniência: Semelhe, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Ara encontrada junto à capela do Senhor do Lírio, na freguesia de Semelhe em 1896.

Inscrição: IMP · CAESARI · DIVI · F · AVG ·

PONT · MAX · TRIB · POT · XXI

SACRVM

BRACARAVGVSTANI

PAVLLI · FABI · MAXSIMI · LEG · PRO · PR

NATALI · DEDICATA · EST



Leitura da inscrição: Imp (*eratori*) Caesari, Divi f (*ilio*), Aug (*usto*) / Pont (*ifici*) Max (*imo*), Trib (*unitia*) pot (*estate*) XXI, / sacrum / bracaraugustani / Paulli Fabi (*i*) Maxsimi , leg (*ati*) propr (*etoris*), / natali dedicata est

Interpretação: Ao imperador César Augusto, filho do Divo, Pontífice Máximo, do Poder Tribunício 21 vezes, os bracaraugustanos consagraram este monumento, (inaugurado) no dia natalício de Paulo Fábio Máximo, Legado Propretor

33

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0045

Designação: Inscrição sepulcral

Dimensões (cm): 90 x 34; alturas letras: 5 e 6

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Esta ara foi encontrada no quintal da casa onde viveu Fernando Castiço, no Campo de S. Tiago. Foi encontrada por Albano Bellino em 1894



Inscrição: MATERN....

PATERNEF

ILIE CARISS

IMEETPIE

NTESSIM

....ANXIX

....TEMECVM

ABO RESC

E SENE CTAM

DESEPT.....

Leitura da inscrição: Matern [e] / Paterne f / ilie cariss / ime et pie / ntessim [e] / na (*norum*) XIX. / []
te mecum / aboresc [it] / e senectam / desept [ae]

Interpretação: Materna (*erigiu à memória de*) Paterna, filha caríssima e piedosíssima (*falecida*) aos 19 anos. Aborrecei comigo a velhice da iludida (i. é – tende dó da minha solidão na velhice)

34

Nº. Inventário: SMS – Epi – 0057

Designação: Inscrição sepulcral

Dimensões (cm): 60 x 48 x 10; altura letras: 8

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Inscrição: ALBVRAC

ARISIFETCA

RISIVS CA

MALIFHSE



Leitura da inscrição: Albura C / arisi f (*illa*) et Ca / risius Ca / Mali f (*ilius*) h (*ic*) s (*itus*) e (*st*)

Interpretação: Aqui jaz (*em*) Albura, filha de Carísio, e Carísio, filho de Camalo

35

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0060

Designação: Inscrição sepulcral

Dimensões (cm): 106 x 34 x 20; altura letras: 6

Proveniência: Braga

Matéria: Braga

Datação: Indeterminada

Descrição: Ara encontrada no quintal da casa onde morou Fernando Castiço

Inscrição: D · M · S ·

VIBIAE

PLACIDI

NAE

NA · XXXV



Leitura da inscrição: D (*is*) M (*anibus*) S (*acrum*) . / Vibiae / Placidi / nae, na (*orum*) XXXV

Interpretação: Consagrado aos deuses Manes. A Vibia Placidina, falecida aos 35 anos

36

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0061

Designação: Inscrição sepulcral

Dimensões (cm): 81 x 32 x 37; altura letras: 5

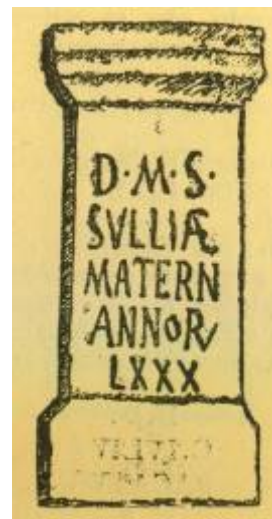
Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Ara encontrada no quintal da casa onde morou Fernando Castiço

Inscrição: D · M · S ·
SVLLIAE
MATERN ...
ANNOR/...
LXXX



Leitura da inscrição: D (*is*) M (*anibus*) s (*acrum*). / Sulliae Matern [ae] / annor [um] / LXXX

Interpretação: Consagrado aos deuses Manes. À memória de Súlia Materna, falecida aos 80 anos

37

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0062

Designação: Inscrição sepulcral

Dimensões (cm): 78 x 37 x 30; altura letras: 3,5

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Ara encontrada numa parede interior da casa de Domingos José Ferreira Braga

Inscrição: D M S

ATTICIE

PRIMITI

VEANVL

SALVTA

RIS · COIV

GIBENE

MEREN

TI · F · C ·



Leitura da inscrição: D (*iis*) M (*anibus*) s (*acrum*) . / Atticie / Primiti / ve na (*norum*) L. / Saluta / ris co (*n*) iu / gi bene / meren / ti f (*aciendum*) c (*uravit*)

Interpretação: Consagrado aos deuses Manes. Á memória de Atícia Primitiva, falecida aos 50 anos. Salutar erigiu à sua benemerente esposa

38

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0064

Designação: Inscrição sepulcral

Dimensões (cm): 91 x 35 x 10; altura letras: 6

Proveniência: Braga

Matéria: Gesso

Datação: Indeterminada

Descrição: Modelo em gesso de uma lápide funerária, existente na Quinta do Avelar, encontrada em 1894 por Albano Bellino

Inscrição: BLOEN

A · CAM
 ALI · F
 VALAB
 RICNSIS
 H · S · E
 CA.....



Leitura da inscrição: Bloen / a Cam / ali f (*ilia*) / valab / ric (*e*) nsis / h (*ic*) s (*ita*) e (*st*) / Ca [malus f (*ecit*?)]

Interpretação: Aqui jaz Bloena, filha de Camalo, valabrigense. Ca (malo erigiu?)

39

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0027

Designação: Ara votiva

Dimensões (cm): 67 x 37 x 30; altura letras: 5

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Ara votiva consagrada a Júpiter

Inscrição: IOVI :

..OLETV
 ...LANO



Leitura da inscrição: Iovi / ...olet... [v / (*otum*) s (*olvit*)] / I (*ibens*) na (*im*) o

Interpretação: A Júpiter (...?...) dedicou de boa mente, em cumprimento de voto

40

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0041

Designação: Ara votiva

Dimensões (cm): 24 x 48,5 x 20; altura letras: 7

Proveniência: Guimarães

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Fragmento de lápide encontrada por Albano Bellino, no prédio nº 122 da Rua de S. Paio (hoje Rua Dr. Avelino Germano). Foi oferecida por Albano Pires de Sousa em 1889

Inscrição:IENTIVSI

...IVSHERC

.....

Leitura da inscrição:ientius I / [ul] ius Herc / [uli]

Interpretação: A Hércules,



41

Nº. Inventário: SMS – Epi - 0081

Designação: Marco Milário

Dimensões (cm): 49 x 33; altura letras: 9 x 11

Proveniência: Braga

Matéria: Granito

Datação: séc. IV (364-375 d. C. / 364-378 d. C.)

Descrição: Fragmento de um miliário dedicado a Valentiano e Valente

Inscrição: DDNN

VALENT

NIANO

ETVALEN....

Leitura da inscrição: D (*ominis*) (*Nostris*) Valent [i] / niano et Valen [ti]....

Interpretação: A Valentiniano e Valente, senhores nossos.....



42

Nº. Inventário: SMS – Lit - 0105

Designação: Pedra ornamentada

Dimensões (cm): 135 x 124 x 24

Proveniência: Lugar de Grovos, freguesia de Caíres, concelho de Amares, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Pedra ornamentada, reconstituída em parte com cimento. Apresenta um motivo geométrico decorativo, muito frequente na arte citaniense das estações de Briteiros e Sabroso. Devido ao seu estado de conservação não foi possível incluí-la na exposição, estando a mesma exposta no claustro do Museu da Sociedade Martins Sarmento



43

Nº. Inventário: Brit – 2003 – 411

Designação: Pedra ornamentada

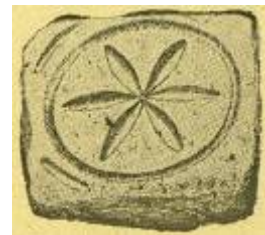
Dimensões (cm): 29,5 x 31,5 x 17,5

Proveniência: Castro de Monte Redondo, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Pedra ornamentada. Apresenta um motivo geométrico decorativo, composto por uma rosácea de seis raios inscrita numa circunferência. Esta peça está hoje exposta no Museu da Cultura Castreja, em Briteiros



44

Nº. Inventário: Brit – 2003 – 410

Designação: Pedra ornamentada

Dimensões (cm): 44 x 27 x 16

Proveniência: Castro de Monte Redondo, Braga

Matéria: Granito

Datação: Indeterminada

Descrição: Pedra ornamentada. Apresenta um motivo geométrico decorativo, composto por um pentásceles inscrito numa circunferência e por uma decoração em forma de S. Esta peça está hoje exposta no Museu da Cultura Castreja, em Briteiros



***A Secção Albano Belino
do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento***

Exposição inaugurada na Festa do 9 de Março de 2005,
no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães.

Coordenação:

António Amaro das Neves e Patrícia Aguiar

Pesquisa, concepção, selecção e organização da exposição:

Patrícia Aguiar, Lígia Aarão e António Amaro das Neves

Catálogo:

Patrícia Aguiar

Textos introdutório:

Francisco de Sande Lemos e António Amaro das Neves

© Sociedade Martins Sarmento | 2005